

IMS

cinema

nov.2026



Vicentina pede desculpas,
de Gabriel Martins

destaques de novembro

No Mês da Consciência Negra, o Cinema do IMS apresenta uma seleção especial de obras de cineastas de África e da diáspora. Entre os destaques do cinema contemporâneo, estão os mais recentes filmes de Boots Riley, Grace Passô, Gabriel Martins e a estreia no longa-metragem da artista da animação Fernanda Salgado.

Uma das figuras centrais na projeção internacional do cinema africano a partir dos anos 1980, Idrissa Ouédraogo filma, em *Tilaï* e *Samba Traoré*, personagens que retornam às suas aldeias depois de um tempo ausentes, lidando com os conflitos entre tradição e modernidade. Os dois filmes serão exibidos em cópias restauradas no Cinema do IMS Paulista, *Tilaï* em sua estreia brasileira.

A Sessão INDETERMINAÇÕES, em São Paulo, apresenta e discute obras inéditas de animação experimental de Odilon Lopez, um dos pioneiros do cinema realizado por pessoas negras no Brasil, junto a um fragmento de um filme doméstico em super-8.

Na mostra *Abbas Kiarostami em retrospectiva*, um conjunto de filmes do início da carreira do cineasta iraniano, produzidos no Kanoon (Instituto para o Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Adolescentes), e um debate em torno de *Close-Up*, um dos marcos de sua filmografia.

O Cinema do IMS Poços, em parceria com a PUC Minas Poços de Caldas, traz um panorama de filmes produzidos por estudantes e egressos da instituição, em sessão seguida de debate.

O 34º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade exibe no Cinema do IMS Paulista filmes da competição de longas-metragens brasileiros, além de destaques da programação internacional.



***Odilon*, de Odilon Lopez**



***Close-Up*, de Abbas Kiarostami**



***I Love Boosters*, de Boots Riley**

[imagem da capa]
***Tilaï*, de Idrissa Ouédraogo**

especial novembro negro

Em cartaz

Ana, en passant
Fernanda Salgado | DCP

As dores do mundo: Hyldon
Emílio Domingos e Felipe David Rodrigues | DCP

Feito pipa
Allan Deberton | DCP

I Love Boosters
Boots Riley | DCP

Nosso segredo
Grace Passô | DCP

Vicentina pede desculpas
Gabriel Martins | DCP

Especial Idrissa Ouédraogo

Samba Traoré
Idrissa Ouédraogo | DCP, restauração 4K

Tilaï
Idrissa Ouédraogo | DCP, restauração 4K, estreia brasileira

Sessão INDETERMINAÇÕES

Art&Tricks:
as artimanhas de Odilon Lopez

Brainstorm – Chuva na vidraça da mente
Odilon Lopez | DCP

Carmen Rosa – Sedutora em qualquer idioma
Odilon Lopez | DCP

E era Carnaval... no Rio!
Odilon Lopez | DCP

Filhas e filhos de Lilith(s)...?!
Odilon Lopez | DCP

Ischka – Deusa dos babilônios
Odilon Lopez | DCP

O medo é de... mente
Odilon Lopez | DCP

Trecho de filme doméstico Odilon
Odilon Lopez | DCP

É possível assistir a alguns dos filmes em cartaz no Cinema do IMS Paulista com recursos de acessibilidade em Libras, legendas descritivas e audiodescrição. Para retirar o equipamento com recursos, consulte a bilheteria do IMS Paulista. Em caso de dúvidas, entrar em contato pelo telefone (11) 2842-9120 ou pelo *e-mail* imspaulista@ims.com.br.



***Samba Traoré*, de Idrissa Ouédraogo**

mais filmes

Em cartaz

I Want Your Sex
Gregg Araki | DCP
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Naza
Yuval Abraham e Rachel Szor | DCP

Rosebush Pruning
Karim Aïnouz | DCP
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Abbas Kiarostami em retrospectiva

***Caso um, caso dois* (*Ghazieh-e Shekl-e Aval, Ghazieh-e Shekl-e Dou Wom*)**
Abbas Kiarostami | DCP, restauração 2K

***Close-Up* (*Nema-ye Nazdik*)**
Abbas Kiarostami | DCP

***Com ou sem ordem?* (*Be Tartib ya Bedoun-e Tartib*)**
Abbas Kiarostami | DCP, restauração 2K

***Dor de dente* (*Behdasht-e Dandan*)**
Abbas Kiarostami | DCP, restauração 2K

***Duas soluções para um problema* (*Dow Rahehal Baraye yek Massaleh*)**
Abbas Kiarostami | DCP, restauração 2K

***O concidadão* (*Hamshahri*)**
Abbas Kiarostami | DCP, restauração 2K

***O recreio* (*Zang-e Tafrih*)**
Abbas Kiarostami | DCP, restauração 2K

***Traje de casamento* (*Lebassi Baraye Arossi*)**
Abbas Kiarostami | DCP, restauração 2K

34º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade

A margem do rio
Enock Carvalho e Matheus Farias | DCP
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

A professora de francês
Ricardo Alves Jr. | DCP

As aparências enganam
Sabrina Greve e Luciano Patrick | DCP

***Covarde* (*Coward*)**
Lukas Dhont | DCP

Eu vou ter saudades de você
Daniel Ribeiro | DCP

***Leviticus: ritual de sangue* (*Leviticus*)**
Adrian Chiarella | DCP

London
Victor Di Marco e Márcio Picoli | DCP

Não estamos sonhando
Ulisses Arthur | DCP

Olhe para mim
Rafhael Barbosa | DCP

Pequenas tragédias
Daniel Nolasco | DCP
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Privadas de suas vidas
Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner | DCP

Sabes de mim, agora esqueça
Denise Vieira | DCP
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

terça

3

14:00 Naza (80')
15:50 Nosso segredo (108')
18:00 Rosebush Pruning (94')
20:00 I Want Your Sex (90')

10

15:00 Feito pipa (93')
17:00 Vicentina pede desculpas (148')
19:50 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
Dor de dente + **Caso um, caso dois** (75')

17

14:30 Feito pipa (93')
16:40 Vicentina pede desculpas (148')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Eu vou ter saudades de você (87')

24

14:00 Ana, en passant (90')
16:00 I Love Boosters (113')
19:00 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
Duas soluções para um problema + **Close-Up** (103')
Sessão seguida de debate com Eliane Arakaki, Godfrey Cheshire e Maria Chiaretti. Mediação de Marcia Vaz.

quarta

4

14:00 Naza (80')
16:00 Rosebush Pruning (94')
18:00 I Want Your Sex (90')
19:50 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
O recreio + **Traje de casamento** (74')

11

15:30 Ana, en passant (90')
17:20 Vicentina pede desculpas (148')
20:10 Feito pipa (93')

18

14:30 Vicentina pede desculpas (148')
17:30 Feito pipa (93')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Covarde (120')

25

14:00 Nosso segredo (108')
16:10 Feito pipa (93')
18:10 Ana, en passant (90')
20:00 I Love Boosters (113')

quinta

5

15:20 Ana, en passant (90')
17:10 Feito pipa (93')
19:20 Vicentina pede desculpas (148')

12

14:00 Feito pipa (93')
16:00 Vicentina pede desculpas (148')
19:30 **SESSÃO INDETERMINAÇÕES**
Art&Tricks: as artimanhas de Odilon Lopez (67')
Sessão seguida de debate com Vanessa Lopez, Iago Cordeiro Ribeiro, Lorenna Rocha e Gabriel Araújo

19

14:30 Nosso segredo (108')
17:00 I Love Boosters (113')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Olhe para mim (88')

26

15:00 Vicentina pede desculpas (148')
17:50 I Love Boosters (113')
20:00 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
Com ou sem ordem? + **O concidadão** (68')

sexta

6
15:00 As dores do mundo: Hyldon (90')
17:00 Ana, en passant (90')
19:00 Vicentina pede desculpas (148')
22:00 Feito pipa (93')

13
15:30 I Want Your Sex (90')
17:30 Feito pipa (93')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Sabes de mim, agora esqueça (96')
21:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Pequenas tragédias (119')

20
15:30 I Love Boosters (113')
17:45 **ESPECIAL IDRISSA OUÉDRAOGO**
Samba Traoré (85')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
A margem do rio (119')

27
15:00 Nosso segredo (108')
17:30 Vicentina pede desculpas (148')
20:20 **ESPECIAL IDRISSA OUÉDRAOGO**
Tilaï (78')
22:00 I Love Boosters (113')

sábado

7
Festival ZUM 2026
Neste dia não haverá sessões de cinema

14
14:00 Ana, en passant (90')
16:00 Feito pipa (93')
18:00 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
Com ou sem ordem? + **O concidadão** (68')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
London (90')
21:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
A professora de francês (96')

21
14:00 Naza (80')
15:40 I Love Boosters (113')
17:50 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
O recreio + **Traje de casamento** (74')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Leviticus: ritual de sangue (88')
21:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Privadas de suas vidas (111')

28
14:40 Feito pipa (93')
16:30 **SESSÃO INDETERMINAÇÕES**
Art&Tricks: as artimanhas de Odilon Lopez (67')
18:00 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
Dor de dente + **Caso um, caso dois** (75')
20:00 Ana, en passant (90')
22:00 I Love Boosters (113')

domingo

1
14:00 As dores do mundo: Hyldon (90')
16:00 Rosebush Pruning (94')
18:00 Naza (80')
20:00 I Want Your Sex (90')

8
Festival ZUM 2026
Neste dia não haverá sessões de cinema

15
15:00 Vicentina pede desculpas (148')
17:45 **ESPECIAL IDRISSA OUÉDRAOGO**
Samba Traoré (85')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
Não estamos sonhando (92')

22
15:30 I Love Boosters (113')
17:50 **ESPECIAL IDRISSA OUÉDRAOGO**
Tilaï (78')
19:30 **FESTIVAL MIXBRASIL**
As aparências enganam (90')

29
15:00 Vicentina pede desculpas (148')
18:00 **ABBAS KIAROSTAMI EM RETROSPECTIVA**
Duas soluções para um problema + **Close-Up** (103')
20:00 I Love Boosters (113')

Programa sujeito a alterações.
Eventuais mudanças serão informadas em ims.com.br.

especial novembro negro

Ana, en passant
Fernanda Salgado | DCP

I Love Boosters
Boots Riley | DCP

Vicentina pede desculpas
Gabriel Martins | DCP

Yellow Cake
Tiago Melo | DCP

mais filmes

Em cartaz

Hope – O primeiro impacto (Hopeu)
Na Hong-jin | DCP

I Want Your Sex
Gregg Araki | DCP
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Jim Queen
Marco Nguyen e Nicolas Athané | DCP – exibido nas versões dublada e legendada
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Naza
Yuval Abraham e Rachel Szor | DCP

Ran
Akira Kurosawa | DCP, restauração 4K

Uma infância alemã (Amrum)
Fatih Akin | DCP

Panorama PUC Minas

Apesar de você
Thais Milena Ribeiro, Rafaela Lima Mathias, João Gabriel Cirilo e Luiz Felipe Liboni | Arquivo digital

Depois do vermelho
Lucas Has | Arquivo digital

Quando minhas asas falharem
Gheise Marques e Mariana Moreira | Arquivo digital

Ruínas sobre trilhos – Um documentário sobre o monotrilho de Poços de Caldas/MG
Aline Batista Leite de Carvalho, Diego Magalhães Vasconcelos de Jesus, Fabrício Ferreira, Gabriel Vitor de Araújo e Juliana Aparecida Piza | Arquivo digital

Ter ou não ter: eis a pressão
Ana Beatriz Coelho, Ana Carolina Inoue, Isabella Prado, Julia Franco e Julia Sardeli | Arquivo digital

IMS Poços

quinta	sexta	sábado	domingo
			1 **16:00** Uma infância alemã (93') **18:00** Ran (160')
5 **19:00** Vicentina pede desculpas (148')	**6** **19:00** Hope – O primeiro impacto (157')	**7** **16:00** Ana, en passant (90') **17:50** Vicentina pede desculpas (148')	**8** **16:00** Vicentina pede desculpas (148') **18:45** Hope – O primeiro impacto (157')
12 **19:30** Naza (80')	**13** **19:00** I Want Your Sex (90')	**14** **15:30** Hope – O primeiro impacto (157') **18:30** Ana, en passant (90')	**15** **16:00** Vicentina pede desculpas (148') **18:45** Ana, en passant (90')
19 **14:00** **Panorama PUC Minas** (79') Sessão seguida de debate com as equipes dos filmes e o professor Lúcio Flávio Carvalho **19:00** I Love Boosters (113')	**20** **19:00** Vicentina pede desculpas (148')	**21** **16:00** I Love Boosters (113') **18:10** Jim Queen [legendado] (85')	**22** **16:00** Jim Queen [dublado] (85') **17:45** Hope – O primeiro impacto (157')
26 **19:00** Yellow Cake (97')	**27** **19:00** Jim Queen [legendado] (85')	**28** **16:00** Yellow Cake (97') **18:00** I Love Boosters (113')	**29** **16:00** I Love Boosters (113') **18:10** Yellow Cake (97')

Programa sujeito a alterações. Eventuais mudanças serão informadas em ims.com.br.

Sessão
INDETERMINAÇÕES

Art&Tricks: as artimanhas de Odilon Lopez

Lorenna Rocha e Gabriel Araújo

Lorenna Rocha é historiadora, crítica e programadora de mostras e festivais de cinema. Mestra em comunicação (UFPE), é cofundadora da Plataforma INDETERMINAÇÕES. Editora-chefe da revista *camarescura*, fez parte da curadoria de festivais como Janela Internacional de Cinema do Recife e FestCurtasBH. Desde 2024, integra a equipe de programação de curtas da Mostra de Cinema de Tiradentes.

Gabriel Araújo é jornalista graduado em comunicação social pela UFMG e atua como crítico e programador de cinema, com passagem por mostras e festivais como FestCurtasBH, forumdoc.bh e LONA. É cofundador da plataforma INDETERMINAÇÕES e do Cineclube Mocambo, e correspondente da *Folha de S.Paulo* em BH.

Numa caixa organizadora, cuidadosamente armazenada na estante de uma garagem, encontravam-se alguns pertences de Odilon Lopez, jornalista, cineasta e pai de Vanessa Lopez. "Tem umas coisas ali, mas não deve ter muita importância", disse a filha, sem imaginar que estaria diante de um material audiovisual inventivo, inquieto e fundamental para a (re)escrita da história do cinema negro e brasileiro. Naquele espaço, estavam rolos de super-8 e 16 mm, o *trailer* e uma parte do roteiro de *Um é pouco, dois é bom* (1970), longa-metragem dirigido por Lopez, o material em 35 mm do curta-metragem *Um dia de chuva*, uma caixa de chocolate mofada, documentos pessoais e registros de uma viagem para Londres, além de três fitas VHS que, até então, nunca haviam sido assistidas pela família Lopez.

Foi na sala multimídia da Cinemateca Capitólio, em 2023, que Lorenna Rocha, pesquisadora e cofundadora da INDETERMINAÇÕES, Vanessa Lopez e Juliana Costa, programadora da instituição, puderam assistir às animações experimentais realizadas por Odilon Lopez no início dos anos 2000, provavelmente suas últimas obras antes de seu falecimento, em 2002, e ao filme doméstico etiquetado como 'Odilon', um longa-metragem de mais de duas horas telecinado por ele de forma caseira. As imagens guardadas por essas fitas VHS são agora apresentadas, de forma inédita, na sessão *Art&Tricks: as artimanhas de Odilon Lopez*, programa que busca investigar os modos de criação do diretor mineiro radicado no Rio Grande do Sul, artista negro ainda pouco reconhecido na historiografia do cinema brasileiro.

Mantendo a montagem criada por Odilon Lopez, exibiremos os primeiros 25 minutos do filme doméstico *Odilon*, com registros de seu casamento com Waltraute Koch, mãe de Vanessa Lopez, da cidade de Porto Alegre e de momentos de lazer entre pai e filha. Filmando como quem brinca, Lopez usa e abusa de movimentos de câmera, troca de posição com quem está sendo registrado pela máquina em super-8, faz elipses e interpela o espaço à sua volta com intromissão, ávido por fazer da própria vida uma aventura cinematográfica. O som do projetor e de um pássaro, ao fundo, revelam sua atitude preservacionista em relação às próprias memórias, como quem busca, ao mesmo tempo, guardar uma mensagem para o futuro. Na sala de cinema, o trecho será acompanhado por comentários de Vanessa Lopez.



***Brainstorm – Chuva na vidraça da mente*, de Odilon Lopez**

Na sequência, o curta-metragem *Ischka – Deusa dos babilônios* (sem data) abre as portas para nossa viagem psicodélica, cheio de jogos de palavras, *glitches*, transições e intervenções sonoras dignas de alguém que, movido pela curiosidade e saturação, queria lançar mão de todas as ferramentas à disposição para seguir criando de sua própria casa. Em frente a um computador com sistema operacional Windows 98, Odilon transformou o aplicativo Paint em seu estúdio de cinema, dialogando, de forma hipercriativa e, na mesma proporção, um tanto absurda, com a cultura digital do início do milênio. E mais, de fazer aquilo que outrora lhe foi, de certo modo, negado: o cinema. Não por acaso, todos os filmes são marcados por cartelas de título, fichas de créditos, agradecimentos e listas de músicas e demais materiais utilizados em cada criação.

Se a história de Odilon Lopez no campo cinematográfico poderia ter sido estritamente interrompida pelas estruturas raciais, econômicas e sociais desiguais que historicamente conformam o cinema brasileiro, como no caso de outros diretores e diretoras negras que não puderam continuar transformando suas ideias em matéria audiovisual, a insistência em dar movimento aos traços de imagens em 2D parece se conectar com

a mesma ação criativa de quem sempre esteve por aí, usando o que se tem, fazendo filmes, *reels*, vídeos de TikTok e videoclipes com o celular, experimentando com as sonoridades do mundo. Na coleção *Art&Tricks*, Odilon Lopez é um pouco Faela Maya, um pouco Valter Filé, um pouco Vitti, um pouco Negão da BL, um pouco Lincoln Péricles, um pouco Raphael Vicente, um pouco biarrittzzz, um pouco Sosha, um pouco Jomard Muniz de Britto, um pouco DJ Ramon Sucesso, com altas doses de uma erudição sacana que, sem medo, trai a si mesma.

A cacofonia de formas, cores e interjeições sonoras expressa uma liberdade, em suma, irreverente. Dando continuidade ao programa, *E era Carnaval… no Rio!* (sem data) mistura curvas de corpos femininos à espionagem. *Carmen Rosa – Sedutora em qualquer idioma* (2001) brinca com as palavras, com os idiomas, com as tradições. *Filhas e filhos de Lilith(s)…?!* (2001) retorna mais frontalmente às questões de gênero e sexualidade, reformulando os traços, duplicando e deformando as imagens e os sons. *O medo é de… mente* (sem data) reformula o terror de estar de boca aberta diante de uma dentista. *Brainstorm – Chuva na vidraça da mente* (2002) faz da matéria ansiosa campo de invenção. Tudo isso com doses autobiográficas e autoficcionais, cheias de tiração de onda, entremeadas por canções entoadas com uma voz aveludada e *selfies* de *webcam* que pairam entre o Fotolog e o Instagram.

A sessão será comentada pelo pesquisador e arquivista audiovisual Iago Cordeiro Ribeiro, que participa, ao lado de Vanessa Lopez, de uma conversa com o público mediada pelos programadores. Na Revista do Cinema do IMS, o crítico e curador Diego Silva Souza se vale dos traços e das formas da coleção para ressaltar a instabilidade da significância de seus elementos expressivos, destacando ainda os modos de Odilon Lopez olhar para o feminino e a maternidade. "Uma super-8 em mãos negras: o filme doméstico de Odilon Lopez", ensaio escrito por Lorenna Rocha, também acompanha o programa desta edição. A autora reverbera sua pesquisa realizada durante o Arché/RAW, em 2023, residência artística promovida pelo Doclisboa e pelo Festival Márgenes, detalha o encontro com as imagens domésticas e estabelece relações entre tais registros e as outras produções do cineasta.

Reutilizando, redirecionando, insistindo, jogando com a aspereza do inacabado, Odilon Lopez nos endereça uma atitude inventiva desde o passado e nos provoca a continuar criando, como quem faz disso tudo uma eterna brincadeira. Com seu acervo ainda a ser digitalizado e pesquisado mais a fundo, nos resta uma simples pergunta: qual será sua próxima artimanha?

Sessão
INDETERMINAÇÕES

Uma insistência disforme

Diego Silva Souza

Há algo de peculiar em assistir à coleção intitulada *Art&Tricks*, de Odilon Lopez, composta por seis curtas-metragens de animação. O diretor parece ainda tatear o que o Windows 98 permitia criar, dando vazão a uma imaginação ansiosa por ganhar a tela. Seus desenhos experimentais nascem da exploração de ferramentas básicas: figuras feitas no Paint, reaproveitadas de uma animação para outra e submetidas a efeitos simples, como a transição lâmpada mágica ou a passar a página.

Os filmes revelam que, ao menos naquele momento, a escolha (ou pulsão) foi por conceber peças audiovisuais interessadas, uma a uma, no feminino. Em *Ischka – Deusa dos babilônios* (sem data), desenhos curvos e de corpos femininos nus surgem na superfície da tela sem grandes refinamentos técnicos e recebem intervenções variadas: mudanças no esquema de cores, distorções em redemoinho e a duplicação simétrica das imagens, numa espécie de teste de Rorschach. Perto do fim, o desenho de um homem negro com uma criança no colo, um autorretrato, dá lugar à foto da filha ainda muito bebê, Vanessa Lopez. A trilha instrumental e suave de Marcus Viana, que acompanha todo o filme, dá às imagens, mesmo as mais abstratas, um tom de delicadeza.

E era Carnaval... no Rio! (sem data) adota um ritmo mais festivo e debochado, embalado por uma música em alemão sobre um gaúcho no Rio de Janeiro. É nesse tom escrachado que uma fotografia de mulheres brancas, gordas, nuas e de perfil, com a parte superior dos rostos cortada e as bocas com um tom de surpresa caricatural, surge no plano. O tom sarcástico aparece também em *O medo é de... mente* (sem data), que se afasta de um tônus existencial, como o título sugere, em direção a uma situação concreta: um paciente de boca aberta é examinado por uma dentista, num desenho exagerado que reaparece várias vezes em tela com intervenções distintas, como o *zoom* em detalhes ou a mudança na escala de cores. Na dedicatória à sua dentista, dra. Simone Sfera, Odilon relembra uma piadinha: a mulher mais sedutora é a dentista, já que, diante dela, todos ficam boquiabertos, anestesiados e babando.

A sedução também é tema de *Carmen Rosa – Sedutora em qualquer idioma* (2001), uma Torre de Babel protagonizada por mulheres que falam em inglês, francês, alemão e outras línguas. Ao fim, a figura de uma mulher nua, deitada de barriga para cima, apoiada nos braços, vê surgir em uma janela, no lado superior direito do plano, uma

Diego Silva Souza é jornalista formado pela UFMG, pesquisador, crítico e curador de cinema. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Cofundou o Coletivo Zanza, onde atuou como crítico e produziu a *Revista Zanza*. Na área de programação, integrou comissões de curadoria de mostras e festivais, como o FestCurtasBH.

fotografia de *webcam* do próprio Odilon a observando e, em seguida, mostrando a língua, como um cachorro. Essa figura do cachorro é retomada em outros dois filmes da coleção. Em *Filhas e filhos de Lilith(s)...?!* (2001), a narração apresenta a história da demônia que se aproveita de homens enquanto dormem sozinhos. Os cães, um marrom e um amarelo, surgem junto da representação de um casal interracial, de um homem negro e uma mulher loira, como se o antropomorfizassem. Já *Brainstorm – Chuva na vidraça da mente* (2002) se constrói em torno de um diálogo entre um cachorro e uma galinha.

De modo geral, todos os seis curtas evocam personagens que fazem referência à maternidade e à sexualidade. Carmen Rosa, Lilith, Ischka e a figura da dentista aparecem como mulheres que exercem algum tipo de poder sobre os homens. Seus corpos são desenhados, repetidos, distorcidos, duplicados. Nessa insistência, Odilon Lopez retorna a um campo de imagens comum, sem precisar fechá-lo em uma única interpretação. Uma mesma imagem pode ora ser lida como uma homenagem, ora como fantasia, ora como anedota. Ao mesmo tempo, o feminino aparece como objeto do olhar e como quem tem poder sobre quem olha, sem que uma posição anule as outras, provocando uma leitura ambígua e instável sobre aquilo que maneja.

Material bruto

Esse retorno a um mesmo conjunto de traços, formas e corpos encontra outro tipo de registro no filme doméstico, gravado em super-8, do qual a sessão exibe um trecho de 25 minutos.[1] Assim como nas animações, o cineasta se interessa em trabalhar sobre uma imagem já existente. Em ambas as produções, Lopez maneja suas ferramentas cinematográficas de modo artesanal. A distância entre o digital e o analógico se reduz a uma mesma lógica: a imagem como matéria segue disponível para ser retrabalhada.

Nas filmagens em super-8, a presença feminina é observada de modo mais contemplativo. Odilon registra a própria imagem, a esposa, Waltraute Koch, as amigas e a filha, Vanessa Lopez, em momentos cotidianos. A mulher tira as roupas de um pequeno varal, as crianças brincam em um parque, andam de bicicleta, ocupam ruas, comemoram um aniversário, visitam um zoológico. É uma vida familiar construída a partir de acontecimentos ordinários, que parecem ter como única razão para serem filmados o desejo de guardar um vislumbre deles.

Não se trata, no entanto, de um arquivo transparente dessa vida familiar, isto é, de um registro que pretende figurar uma janela neutra sobre o passado, com as cenas apenas se sucedendo umas às outras. O que se vê é um material editado: há cortes que saltam de uma ocasião a outra, do espelho ao parque, da feira ao centro movimentado da cidade, sem que nada explique a passagem. Durante todo o trecho, o som deixa entrever o barulho de um projetor, o que sugere que as cenas foram filmadas de novo a partir da projeção do material original. A imagem revela, assim, discretamente, sua própria materialidade e uma estratégia criativa de remontagem a partir do material bruto.

Mais do que isso, a remontagem demonstra uma preocupação arquivista de Odilon, que, ciente de que suportes como a película se desgastam com o tempo e

1 O trecho exibido é parte de um material de duas horas encontrado na casa de Vanessa Lopez durante a pesquisa de Lorenna Rocha em Porto Alegre, no ano de 2023. O longa-metragem reúne quase dez anos de imagens e foi totalmente realizado em super-8, tendo sido telecinado de forma caseira em VHS pelo próprio diretor.

com o uso, faz a telecinagem do material e garante que as imagens da família continuem existindo e possam ser vistas outra vez. Duas memórias se conservam nesse gesto: a familiar e a cinematográfica – da própria película e do ritual de projeção.

Algo que nunca se fecha

Ao reaproveitar desenhos, regravar a projeção e deixar à vista a materialidade das imagens, Odilon trata a obra como algo que nunca se fecha por completo. Cada filme carrega restos do anterior e cada imagem permanece à espera de uma nova versão. Essa abertura parece se estender aos temas que atravessam os dois conjuntos. As mulheres das animações, corpo, deusa, sedutora, e as mulheres do filme doméstico, esposa, mãe, a filha em volta, não são a mesma figura, e nenhum dos filmes tenta reduzi-las a uma definição. Assim como a obra não se fecha, a categoria também não. Insiste na imagem, como quem pergunta: o que é uma mulher, o que é uma mãe?

A palavra "*mãelher*" dá forma a essa abertura. Ela surge em alguns curtas e ganha centralidade em *Brainstorm – Chuva na vidraça da mente*, o último da coleção. Nele, um cachorro pede à galinha para ser sua "mãelher", e ela indaga se ele gostaria de ser o seu "meninomem". Ao fundir "mãe" e "mulher", o filme cria um termo que não separa as duas coisas, mas também não as dissolve. Os dois papéis sociais coexistem, legíveis, na mesma palavra. A resposta da galinha devolve a operação em espelho, fundindo "menino" e "homem", e com isso desloca a pergunta. A "mãelher" parece só existir diante de um "meninomem".

O deslocamento ganha rosto na sequência seguinte. Depois do diálogo que embaralha os papéis de mãe, mulher, menino e homem, e logo após um beijo ilustrado por uma intervenção sonora, surge em *Brainstorm...* o desenho de um homem negro, um autorretrato, e em seguida a fotografia de *webcam* de um Odilon bem mais velho. A figura do autor, que já se insinuava no cachorro de *Carmen Rosa* e no homem desenhado de *Ischka*, se assume, como um intruso, de modo mais contundente.

Se, à primeira vista, os dois conjuntos pertencem a mundos distintos – de um lado, a fantasia de corpos desenhados, deusas e figuras míticas, e, de outro, o registro do cotidiano de uma família –, ao serem aproximados, é possível perceber como ambos são trabalhados a partir de um lugar de intimidade, de uma invenção artesanal. Feitas com ferramentas básicas, em escala caseira, as imagens voltam às mesmas figuras de filme em filme, como quem retorna a uma obsessão criativa pessoal sem ter pressa de resolvê-la. O que as imagens domésticas guardam do dia a dia de uma família, as animações preservam do imaginário de quem as faz: o que o ocupa, o que o diverte, o que quer colocar no papel, fazer com que algo cinematográfico simplesmente aconteça.

Sessão
INDETERMINAÇÕES

Uma super-8 em mãos negras: o filme doméstico de Odilon Lopez

Lorenna Rocha

Em 2023, durante uma viagem de trabalho para Porto Alegre, tive a oportunidade de conhecer Vanessa Lopez, jornalista e filha de Odilon Lopez, com quem havia entrado em contato um ano antes a fim de viabilizar a restauração digital integral de *Um é pouco, dois é bom* (1970), dirigido pelo seu pai. Preservado pela primeira vez no projeto *Obras raras: o cinema negro na década de 70*, o longa-metragem, dividido em duas histórias, *Com um pouquinho... de sorte* e *Vida nova... por acaso*, acabou se tornando conhecido como um curta ou média-metragem após ter sido digitalizado parcialmente.[1]

Numa parceria entre Cinemateca Capitólio, INDETERMINAÇÕES e Mnemosine Serviços Audiovisuais, lançamos durante o 13º Olhar de Cinema, em Curitiba, a restauração digital em 4K de *Um é pouco, dois é bom*. Desde então, o filme contou com exibições em diversos festivais brasileiros, entre eles o 26º Festival do Rio, a 47ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, a XV Janela Internacional de Cinema do Recife e o 53º Festival de Cinema de Gramado, além de festivais internacionais, como o XXII Doclisboa, o 31º FicValdivia e o 26º JEONJU International Film Festival.

Nesse processo de investigação em torno da vida e obra de Odilon Lopez, foi possível dimensionar seus trânsitos tanto pelo Brasil quanto pelo exterior, assim como perceber o perfil criativo do cineasta, radialista, jornalista e ator. Lopez assinou diversos roteiros como *Quando é preciso ser mulher* (1971/1972), *Os anônimos* (1972), *Felicidade até existe* (1974), *Sete, zero, zero contra o sacristão* (1989), todos depositados na Cinemateca Capitólio. Já na casa de Vanessa Lopez, entre os materiais do acervo pessoal dele, localizamos um longa-metragem telecinado em VHS, etiquetado com o título 'Odilon', totalmente realizado em super-8, reunindo quase dez anos de imagens.

Além disso, foi encontrada uma série de curtas experimentais produzidos no Paint, filmes de *desktop* dos anos 2000 e 2002, também depositados em mídias VHS. Um deles, *Brainstorm – Chuva na vidraça da mente* (2002), foi exibido na 22ª Goiânia

1 Para mais informações sobre *Um é pouco, dois é bom* (Odilon Lopez, 1970), o processo de restauração do filme de Odilon Lopez e sua recirculação no cenário brasileiro, recomendamos a leitura do artigo "Muitas histórias, um filme", publicado em julho de 2024 pela pesquisadora no *site* oficial da plataforma INDETERMINAÇÕES: tinyurl.com/1pouco2bom



Foto de Lorenna Rocha

Mostra Curtas na Mostra Especial "De Lugar Nenhum", assinada conjuntamente por mim e pelo curador Luís Fernando Moura. Nesta edição da Sessão INDETERMINAÇÕES, exibimos na íntegra a coleção *Art&Tricks*[2] e um breve trecho do filme doméstico em super-8, materiais que integram o que estou chamando de Acervo Odilon Lopez.

Os materiais em VHS nunca haviam sido assistidos por Vanessa e foi muito emocionante presenciar o reencontro entre pai e filha por meio do cinema. Lembro que, quando nos encontramos perto da Cinemateca Capitólio para conversar sobre um possível projeto para o longa-metragem, Vanessa compartilhou que havia algumas caixas em casa, com objetos do pai, nas quais nunca havia mexido. Sugeri ir até lá, onde pude acessar uma enorme quantidade de mídias, entre fitas VHS, rolos em super-8 e 16 mm, fotografias, colagens e outras peças do acervo pessoal. Convidei Vanessa para assistirmos juntas ao material em VHS na sala multimídia da Cinemateca Capitólio e descobrirmos o que havia ali. Das três fitas VHS até então nunca assistidas por ela, uma, com o título *Odilon*, guardava imagens que pareciam ser "apenas" registros familiares.

Em 2023, com o projeto *Uma super-8 em mãos negras: o filme doméstico de Odilon Lopez*, tive a oportunidade de começar a desenvolver uma investigação acerca do filme realizado por Odilon, na residência artística Arché/RAW, promovida pelo Doclisboa e pelo Festival Márgenes. O início do filme é marcado por imagens do casamento de Odilon Lopez com Waltraute Koch, mãe de Vanessa, que aconteceu em 1968. Acompanhamos registros da festa e pude saber, assistindo ao lado da filha de Lopez, alguns detalhes do contexto do matrimônio, o qual foi realizado com certo impasse devido ao fato de uma mulher branca, de ancestralidade germânica, estar casando-se com um homem negro.

Um curto pulo temporal nos revela a imagem de Vanessa, ainda pequena, nos braços dos pais, nascida em 1971. Algumas cenas também revelam o apartamento do casal recém-casado. Ele brinca com a família com a câmera, filma a si mesmo, experimenta com o objeto que está em suas mãos. Já numa outra passagem, acompanhamos o aniversário de quatro ou cinco anos de Vanessa. Enquanto crianças estavam sentadas ao redor de uma mesa e os adultos, espalhados pelo cômodo, a câmera volta à mesa, quando, de repente, a imagem é bruscamente elipsada e, no lugar onde os pequenos estavam sentados, aparecem os adultos ocupando o mesmo espaço. "Parece que as crianças cresceram, né?", falei para Vanessa. Um gesto contundente de experimentação da linguagem cinematográfica se dá diante dos nossos olhos, mas ainda nada nos tirava da ideia de que esse era apenas mais um "álbum de memórias em movimento".

Depois do aniversário, há imagens de Vanessa no prédio de sua casa, que, como fico sabendo, foi uma das locações da primeira parte de *Um é pouco, dois é bom*. Torna-se inevitável estabelecer uma relação entre as imagens da super-8 que são acompanhadas pelo som do projetor, o qual constrói a banda sonora do filme doméstico a que estamos assistindo, e o filme de 1970, em que um casal branco é representado. Imagens de Porto Alegre também são reveladas, e o filme é deslocado de Odilon para Vanessa. Passamos a acompanhar seu crescimento, suas idas a

2 Os filmes experimentais em animação são assinados pelo próprio Odilon como *Art&Tricks*, uma tradução criativa do termo em português "artimanhas". Por isso, nomeamos esta edição da Sessão INDETERMINAÇÕES de *Art&Tricks: as artimanhas de Odilon Lopez*.

parques, viagens com os pais e suas relações com o mundo ao seu redor. Por vezes, Odilon aparece ao lado da filha, assim como a câmera também se coloca em subjetiva, intuindo a forma como Vanessa olha para o mundo e para o próprio pai.

Apenas após mais de 30 minutos de material, de um total de quase duas horas, é que começamos a perceber que aquele não era "só" um compilado de imagens, mas um exercício cinematográfico, um filme. Um filme que precisava ser guardado, um filme que resistiu ao tempo. Um filme tão desconhecido quanto o único longa realizado por Odilon. Quer dizer, essa era, ao menos, a informação que nós tínhamos. Cortes bruscos, uso de lentes especiais com efeito de caleidoscópio, *slow motion*, movimento de rebobinar e outros investimentos formais encontram-se latentes nas imagens. Marcado por datas comemorativas ou eventos festivos da família (e do estado do Rio Grande do Sul), o filme-registro insiste em acompanhar sua filha. Vanessa é, aparentemente, a razão e a pretensão das imagens. Uma espécie de carta que chega a ela depois de mais de 20 anos da morte de Odilon Lopez.

Uma das sequências que marcam nesse sentido é o registro de uma viagem realizada pelo diretor para outro país, provavelmente para o Reino Unido, onde fez um curso de jornalismo em Londres. Vanessa relata que, durante a infância, não sabia lidar muito bem com a ausência do pai. Segundo ela, durante as brincadeiras no chão de sua casa, imaginava que umas fitas cassete eram aviões que anunciavam a volta de Odilon. A sequência começa com o diretor se colocando diante da câmera, dando tchau a quem lhe assiste; em seguida, vemos imagens do que parece ser a parte interna de um avião. Acompanhamos sua viagem, seu retorno, outros passeios, e o filme segue até o nascimento do irmão de Vanessa, Juliano Lopez. Sua última imagem é um plano fechado de Vanessa, que está sorrindo largamente, já com seus 8 ou 9 anos de idade.

Além de possibilitar uma reflexão sobre a produção de imagens domésticas feitas por pessoas negras no Brasil, o material inédito em super-8 é um importante elemento dentro do processo de reposicionamento histórico de Odilon Lopez no cinema brasileiro. Como dito num outro ensaio, menos do que para ocupar o espaço de pioneira, sua obra interessa por evidenciar o nível de incompletude e desconhecimento que está posto como desafio para elaborarmos continuamente a história do cinema negro de nosso país.

Abbas Kiarostami
em retrospectiva

Conversas com Kiarostami: Close-Up

Godfrey Cheshire entrevista
Abbas Kiarostami

traduzido do inglês por Heitor Augusto

Godfrey Cheshire é crítico de cinema, escritor, professor e cineasta norte-americano. Principal especialista em cinema iraniano entre os críticos dos EUA, escreveu para *The New York Times*, *Variety* e *Sight & Sound*, entre outros. Autor de *Cheshire on Film: Life and Writings* (2026) e *In the Time of Kiarostami* (2022), dirigiu o Festival de Cinema Iraniano de Nova York de 2019 a 2026.

[Entrevista originalmente publicada em *Conversations with Kiarostami,* de Godfrey Cheshire (2019, Woodville Press)]

Nesta obra que trouxe reconhecimento internacional a Abbas Kiarostami, um homem simples é preso e levado a julgamento por ludibriar uma família de classe média alta e se passar pelo proeminente cineasta Mohsen Makhmalbaf. Borrando documentário e ficção, Kiarostami foca, pela primeira vez em seu cinema, nos realizadores e na realização cinematográfica, ao mesmo tempo que reflete sobre a relação entre cinema e justiça social num Irã pós-revolução.

Godfrey Cheshire: Quero conversar sobre *Close-Up*.
Abbas Kiarostami: Entre todos os filmes que fiz, tenho opiniões apenas sobre dois – sobre o restante eu não opino. O primeiro é *O viajante* (1974), pois já se passaram 20 anos desde que o dirigi. Distanciei-me do filme, pois me sinto como parte do público espectador, não como diretor – no mínimo, não assisto a ele enquanto seu diretor. Em toda minha obra, *O viajante* me comove profundamente. O segundo filme é *Close-Up* (1990). Quando assisti a ele logo após tê-lo realizado, já percebi uma distância entre mim e ele, pois já me sentia pertencente ao público. Para mim é deveras estranho que Hossein Sabzian, o protagonista do filme, enxergue a si mesmo como um personagem de *O viajante.*

Ele fala isso no filme?
Na cena do tribunal, há um momento no qual ele diz que se sente como uma criança, que seu amor é tão profundo quanto o da criança em *O viajante*.

Mas ele omite que foi espancado, não?
Sim – mas não apanhou no filme, e sim na vida fora do cinema. Quando conversamos em outra ocasião, ele me contou sobre sua vida e sobre como ela se assemelhava à do garoto em *O viajante*. A primeira vez que Sabzian foi ao cinema, não saiu da sala após o término do filme. Pelo contrário, ficou e assistiu ao filme cinco vezes em sequência. Sem perceber, já era meia-noite, e ele não tinha como voltar para casa. Na manhã seguinte, em vez de voltar para casa, sentiu-se impelido a retornar ao cinema e ver o filme novamente.

O Makhmalbaf me deu a versão dele sobre como surgiu *Close-Up*. E qual é a sua?
Eu não sabia que o Makhmalbaf tinha uma história sobre esse início.

Bem, ele tem uma história para tudo na vida [risos].
Makhmalbaf e eu nos conhecemos pela primeira vez num cinema, e ele me disse que queria me mostrar um roteiro seu. Depois,

veio ao meu escritório. Não conseguia deixar de pensar: depois de todos os insultos que ele dirigiu a nós, cineastas consolidados, agora ele quer trabalhar conosco? Isso me deixava desconfortável. No dia de sua visita ao meu escritório, havia uma revista sobre a mesa, e nela uma matéria sobre uma pessoa que havia ludibriado uma família ao se passar pelo Makhmalbaf. Lembro que não gostei nem um pouco do roteiro que ele me mostrou e tenho dificuldades de conversar sobre um roteiro pelo qual não tenho apreço. Então, conversamos sobre a matéria. Fomos à delegacia na qual Sabzian estava detido e perguntamos aos oficiais o que havia se passado – saímos de lá entendendo melhor a situação. Queria conhecer a família ludibriada, os Ahankhah, pois imaginei que aquilo poderia dar um filme. Fomos à casa dos Ahankhah na mesma noite. Tocamos a campainha e me miraram desconfiados. Pediram meu documento de identidade. A filha mais jovem revelou que a família acabara de se livrar de um Makhmalbaf falso, então não queriam ter de lidar com um Kiarostami falso. Estava sem minha identidade e confessei a eles que o Makhmalbaf verdadeiro estava no carro – eu poderia buscá-lo caso quisessem. Trouxe-o para dentro da casa, nos serviram chá e conversamos até altas horas sobre o ocorrido. Fiquei fascinado. Três dias depois, fui com minha câmera para a cadeia, mas sem a certeza de que ali havia um filme. Rodei a primeira parte do filme por detrás de um vidro. Então, me encontrei com Sabzian, que se apresentou como o Makhmalbaf. De pronto, pensei: sim, quero fazer esse filme.

Fiquei sem dormir direito por 40 dias [durante as filmagens], nem mesmo por um minuto. Fechava os olhos à noite, mas sentia queimação na vista, então tinha de manter os olhos abertos por causa da dor. Fazia anotações à noite e filmava durante o dia. Filmamos primeiramente o julgamento e, após sua soltura, rodamos o resto.

Você retomou a conversa com Makhmalbaf sobre aquele roteiro que ele te apresentou?

Não. Devolvi o roteiro naquela noite e disse que conversaríamos depois. Nunca conversamos. Durante as filmagens de *Close-Up*, Makhmalbaf estava em Ispaão [cidade a 340 quilômetros de Teerã, capital do Irã e palco da trama de *Close-Up*] cuidando da montagem de outro filme. Porém, no dia em que Sabzian foi solto da prisão – as imagens finais de *Close-Up* –, pedimos a Makhmalbaf que viesse a Teerã para conhecê-lo. Aquele era o início da jornada de liberdade de Sabzian, mas, durante a montagem, decidimos colocá-lo ao final do filme.

Fale um pouco mais sobre o juiz que presidiu a sessão. Qual seu nome?

Ele é um juiz e também uma autoridade religiosa – todos os juízes o são. Não sei seu nome. Levou muito tempo para obtermos a autorização para filmarmos dentro do tribunal. Tal como vemos no filme, ele disse não se importar, apenas achava que havia casos mais interessantes para o cinema. Ele nos disse isso quando não estávamos filmando; então pedimos que repetisse para a câmera.

O julgamento já havia começado quando vocês iniciaram as filmagens?

Nós reencenamos o julgamento. Em casos como esse, a justiça não realiza julgamentos, apenas audiências de custódia.

A família encontrou Sabzian no tribunal antes de ser filmada?

Não. Nós os posicionamos e, então, os policiais trouxeram Sabzian e o colocaram ali. Foi exatamente como se vê no filme.

Então você filmou a única vez em que eles foram confrontados? Aquele encontro aconteceria mesmo se você não estivesse ali filmando?
Sim.

Então a audiência foi montada para o filme? Você ficou perto do Sabzian fazendo perguntas? Isso não é atípico?
Sim, não é comum que seja feito. Mas no Irã o tribunal não é tão formal como em outros lugares.

Então o juiz e a família concordaram que você participasse do julgamento com suas duas câmeras?
Sim. Orientei os Ahankhah para que, inicialmente, agissem de maneira irredutível, mas que, aos poucos, ao meu comando, aceitassem a soltura do Sabzian. Fui o diretor do tribunal, o condutor.

O que a família achou dos seus comandos sobre o que deveriam dizer?
Ficaram bravos e não queriam concordar com sua soltura, o que fica perceptível em suas fisionomias. No final, quando retiraram a queixa, fizeram-no porque o juiz e eu os pressionamos. Queriam que Sabzian ficasse atrás das grades.

Qual foi sua primeira impressão do Sabzian? Ela se alterou durante a realização do filme?
Sabia que se tratava de um caso complexo. Um dia após sua soltura, ele abordou o juiz para reclamar de mim. O juiz disse a ele o quão ingrato era, afirmando: "O Kiarostami te livrou dessa, e você vem reclamar dele para mim?". Sabzian estava protestando porque não conseguia acreditar que havia sido solto e que estava sendo alimentado com boa comida – ele desconfiava, achava que era uma arapuca. Sabzian trouxe dificuldades às filmagens, tratava tudo sempre com desconfiança. Mudava suas falas no filme – eu havia escrito diálogos para ele, até mesmo para a cena do julgamento. Ele acabou falando com suas próprias palavras, apenas as agrupei da forma que precisava. Fui criando conexões: por exemplo, pedia que ele finalizasse suas frases de uma certa forma. Ele não se opunha totalmente, mas tinha dúvidas sobre o que estávamos pedindo para ele dizer. Sabzian temia que suas palavras pudessem ser utilizadas contra ele posteriormente.

Ele parece ser um homem interessante. Por um lado, tem a aparência de um homem simples, de origem humilde; por outro, cita Tolstói, percebe-se que é astuto.
Ele é muito criativo e bastante inteligente.

Mas com uma inteligência do tipo inerente.
Sim, ele é autodidata.

Isso diz algo sobre a sociedade iraniana, o fato de que existem pessoas como ele. Mas também diz outra coisa interessante, que é sobre o cinema em uma sociedade. E o que aconteceu com esses personagens depois do filme?
Tanto os Ahankhah quanto Sabzian ficaram bastante insatisfeitos. Ambos os lados gostaram do filme, mas não fizeram as pazes. A família considerou que, no desfecho da história, ele não foi punido da forma que achavam que deveria. Os Ahankhah sentiram que retratei Sabzian de forma que ele parecesse inocente – a família tinha certeza de que Sabzian roubaria seu dinheiro. Minha justificativa para eles é que não era minha função julgar. O tribunal julga; eu filmo.

De certa maneira, porém, você manipulou o andamento legal das coisas.
Sim. Ainda assim, não creio que ele realmente quisesse roubá-los. Creio que a sua natureza está mais próxima daquela que retratei no

filme. Realmente gostaria de ter tido tempo para refilmar a história; caso tivesse, ao invés de retratar a família reclamando de Sabzian, teria pedido a ele que registrasse uma queixa contra a família por tê-lo forçado a ser alguém que ele não era. Não acho que a família seja menos culpada que ele.

Você viu *Close-Up Long Shot*[1] [documentário de 1996 sobre Sabzian e o filme de Kiarostami] e declarou ter saído afetado por ele.

Como cinema, não me impactou de forma alguma. Porém, o filme me recordou o quão esperto é Sabzian. Fiquei sem dormir por três noites por conta de toda a energia emanada por ele. O filme não é bem filmado, mas carrega a energia intensa de Sabzian.

1 O documentário de Moslem Mansouri e Mahmoud Chokrallahi *Close-Up Long Shot* (1996) traz entrevistas estendidas com Hossein Sabzian, com mais detalhes que evidenciam suas questões de saúde mental para além do que o filme de Kiarostami captura. O documentário integra o *blu-ray/DVD* de *Close-Up* lançado pela Criterion Collection.



***Close-Up* (*Nema-ye Nazdik*), de Abbas Kiarostami**

Você se encontrou ou conversou recentemente com Sabzian?

Íamos nos encontrar há uns três meses, mas coincidiu com o Festival de Cannes. Aí me envolvi com a realização de um novo filme. Mas sei que nos encontraremos qualquer dia desses. Ele me liga umas três ou quatro vezes por ano, dizendo que quer me ver.

Talvez você devesse fazer um novo filme sobre ele.

Não acho que seja o caso.

Qual a origem da ideia de brincar com o som no final do filme?

Do próprio filme, durante a cena em que Makhmalbaf e Sabzian andam juntos na moto. Estava usando fones de ouvido e escutando a conversa deles no carro logo atrás. O Makhmalbaf sabia que estávamos filmando, diferentemente do Sabzian, que estava botando o coração para fora abraçado no Makhmalbaf. Até chegou a perceber que filmávamos, mas nada importava – havia

se esquecido de tudo. Quando Makhmalbaf falou o primeiro diálogo, rapidamente percebi que o filme não precisava disso. Primeiro o Makhmalbaf diz: "Ser o Makhmalbaf me deixou exaurido". E acrescentou: "Ser o Makh...", e eu o cortei, porque o filme é sobre o Sabzian. Não havia necessidade de terminar o filme com a energia extraordinária do Makhmalbaf – sua energia e personalidade teriam ofuscado todo o filme. Não dá para trazer o Marlon Brando para o último plano de um filme! Fiquei feliz com aquele momento, que me trouxe a oportunidade de brincar com o som.

Fale da reação que o filme teve no Irã.
Não foi positiva. A maioria das pessoas pensou que era um filme de propaganda do Makhmalbaf. Ninguém capturou o real sentido do filme. Uns disseram que eu realmente fui sacana com o Makhmalbaf, outros acharam que fiz um ótimo retrato dele. O que digo é que o filme não representa nenhum desses pontos de vista: não o engrandeço, mas também não o prejudico. O filme sequer é sobre o Makhmalbaf, mas sim sobre um indivíduo e a imaginação de um homem diante de uma vida sofrida. É uma ode a sonhar acordado. Na verdade, nem mesmo é sobre o Sabzian, já que, antes do filme, ele não era ninguém. *Close-Up* é sobre um ser humano e seus sonhos.

Também é sobre a potência do cinema.
Sim, ainda que essa dimensão seja menos enfatizada. Não queria dar destaque ao cinema para além da sua capacidade de preencher os nossos sonhos. É um filme sobre aqueles momentos em que a vida fica difícil, e a imaginação, o sonhar acordado, torna-se mais intensa. Conhecemos tudo sobre os nossos cinco sentidos, mas jamais pensamos sobre nossos sonhos. Houve uma época em que, se me pedissem para escolher entre a visão e a capacidade de sonhar, eu escolheria os sonhos, pois, mesmo sem a visão, é possível viver uma vida melhor com a ajuda dos nossos sonhos. Sem eles, como conseguiríamos viver? Os sonhos são como o carburador de um automóvel: quando o motor esquenta, ele começa a trabalhar. Se a fiação se rompe, o carro não consegue se mexer. Com a ajuda dos sonhos, conseguimos escapar das piores prisões. Na verdade, apenas o corpo pode ser aprisionado, já que, nos sonhos, conseguimos escapar às paredes. Nos sonhos, podemos nos deitar com quem desejemos. Ninguém pode tocar nossos sonhos. De certa forma, os sonhos são a incorporação irretocável do conceito da liberdade, uma vez que nos libertam de todas as amarras. Penso que Deus concedeu aos seres humanos essa possibilidade como forma de se desculpar pelas limitações. O meu filme exalta os sonhos: é um belo retrato de um ser humano que chegou a um caminho sem saída, mas que, ainda assim, agarra-se a seus sonhos.

Assisti a *Close-Up* pela primeira vez em 1992, e a montagem era diferente. Por quê?
O filme passou pela primeira vez no Festival de Munique. Estava presente e percebi que, quando começou a rodar o segundo rolo do filme, a ordem havia sido invertida. Estava pronto para correr para a sala de projeção e corrigir o erro, mas era tarde demais. Decidi assistir à versão exibida pelo projecionista e percebi que era muito melhor que a minha! De volta a Teerã, alterei a ordem dos rolos. Há algo comum entre os filmes bons e os filmes ruins: trocar a ordem dos rolos não interfere tanto assim – os filmes bons permanecem bons, enquanto os filmes ruins permanecem ruins.

Em cartaz



IMS Poços IMS Paulista

Ana, en passant

Fernanda Salgado | Brasil, Portugal, França | 2026, 90', DCP (Embaúba Filmes)

Depois da morte de sua avó, Ana, uma jovem mulher negra franco-brasileira, se vê à deriva na capital francesa, isolada no próprio luto. Ao lidar com os pertences da avó, descobre uma caixa que guarda uma carta, uma fotografia, duas chaves e um endereço em Belo Horizonte. Com esse quebra-cabeça em mãos, Ana se lança numa busca que a aproxima da avó.

Uma obra que combina diferentes técnicas de animação com a trilha sonora do Metá Metá e as vozes de Zezé Motta, Carlos Francisco e outros artistas.

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Paulista

As dores do mundo: Hyldon

Emílio Domingos e Felipe David Rodrigues | Brasil | 2025, 90', DCP (Curta Distribuidora)

Hyldon é uma lenda viva. Seu primeiro álbum, *Na rua, na chuva, na fazenda*, faz 50 anos. Um clássico da música brasileira. Uma série de canções compostas por ele, inspiradas em histórias reais, revelam o *soul* romântico de um dos grandes compositores da nossa música popular, parceiro de Cassiano e Tim Maia. O documentário segue a formação e o trajeto do menino do sertão da Bahia ao jovem no topo das paradas de sucesso no Brasil.

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).



IMS Paulista

Feito pipa

Allan Deberton | Brasil | 2026, 93', DCP (Paris Filmes)

Gugu é um menino sonhador e apaixonado por futebol, que recebe uma criação livre e afetuosa da avó Dilma, uma professora aposentada. Já a relação com o pai é difícil e cheia de ausências. Avó e neto moram sozinhos ao lado de uma barragem que, após anos de seca, revela as ruínas e memórias de uma antiga cidade submersa.

Representante do Brasil na disputa por uma vaga no Oscar, o filme venceu o Urso de Cristal e o Grande Prêmio do Júri Internacional na seção Generation Kplus do Festival de Berlim.

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).



IMS Poços

Hope – O primeiro impacto

Hopeu
Na Hong-jin | Coreia do Sul | 2026, 157', DCP (Imagem Filmes)

A polícia investiga a presença de uma criatura misteriosa que vem causando tumulto na remota vila de Hope Harbor. Ao seguir os rastros do animal, um grupo de caçadores acaba se tornando sua presa involuntária, dando início a um conflito que se transforma em uma tragédia de proporções cósmicas.

O filme, que estreou no Festival de Cannes deste ano, é o longa de ficção com o maior orçamento de produção da história do cinema sul-coreano.

Ingressos
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Poços IMS Paulista

I Love Boosters

Boots Riley | EUA | 2026, 113', DCP (Universal Pictures do Brasil)

Uma equipe especializada em furtar lojas de roupas para revender a preços mais baixos escolhe como alvo uma implacável magnata da moda. É quase um serviço comunitário.

Partindo do universo da moda para fazer uma crítica surrealista ao capitalismo, à exploração e à apropriação do trabalho, o mais novo filme do cineasta, *rapper* e ativista norte-americano Boots Riley inclui em seu elenco nomes como Keke Palmer, Naomi Ackie, Demi Moore e LaKeith Stanfield.

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Poços IMS Paulista

I Want Your Sex

Gregg Araki | EUA | 2026, 90', DCP (O2 Play)
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Parte do New Queer Cinema, Gregg Araki (*Mistérios da carne*) se volta a um protagonista heterossexual, em uma mistura de sátira, comédia romântica, mistério e assassinato. Trata-se de Elliot, um jovem sem rumo que vive um relacionamento morno com sua namorada, interpretada pela cantora Charli XCX. Sua vida se transforma quando consegue emprego com uma célebre e provocadora artista, interpretada por Olivia Wilde, que o envolve num jogo de sedução e submissão sexual.

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Poços

Jim Queen

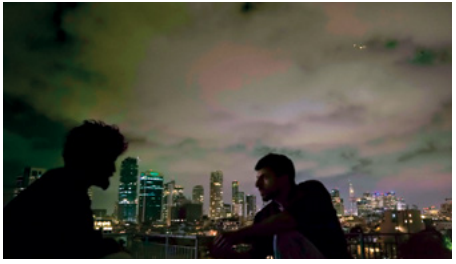
Marco Nguyen e Nicolas Athané | Bélgica, França | 2026, 85', DCP (Pandora Filmes) – exibido nas versões dublada e legendada

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Nesta irreverente animação adulta, Jim, *gay* bombado, ícone *sexy* da cena *queer*, vê sua vida virar do avesso quando contrai Heterotopzis, um vírus estranho que transforma *gays*... em héteros. Todos viram as costas para ele, exceto Lucien, um jovem franzino e inseguro. Juntos, eles partirão em busca de um antídoto misterioso capaz de curar Jim e evitar a extinção da sua comunidade.

O filme teve sua estreia mundial nas Sessões da Meia-Noite do Festival de Cannes 2026, onde foi indicado à Palma Queer.

Ingressos
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Poços IMS Paulista

Naza

Yuval Abraham e Rachel Szor | Reino Unido | 2026, 80', DCP (Vitrine Filmes)

Filmado secretamente à noite nos telhados de Tel Aviv, o filme reúne entrevistas com 24 oficiais e soldados da inteligência militar israelense que revelam em detalhe os sistemas por trás do assassinato em massa de civis palestinos em Gaza pelo Estado de Israel.

Naza é dirigido pelos israelenses Yuval Abraham e Rachel Szor, que também realizaram, junto com os palestinos Basel Adra e Hamdan Ballal, o longa *Sem chão* (*No Other Land*), vencedor do Oscar 2025 de Melhor Documentário. O título *Naza* foi retirado da sigla em hebraico usada pelas forças armadas israelenses para descrever o número de civis que poderiam morrer ao calcular a estimativa de vítimas fatais antes de um ataque.

Alvo de uma forte campanha de difamação em Israel, o filme estreou em setembro no Festival de Veneza, onde foi ovacionado ao longo de 25 minutos e recebeu o Prêmio Especial do Júri. Na cerimônia de premiação, Yuval Abraham declarou:

"Honestamente, não é muito fácil estar aqui e pensar em todas as pessoas, políticos e jornalistas israelenses em casa que estão nesse momento atacando este filme, rejeitando-o sem sequer tê-lo visto. Muito foi feito para que não se olhasse para a realidade. A realidade é que, desde o começo deste festival, só durante esses dez dias, Israel matou pelo menos seis crianças palestinas em Gaza. Uma garota de três anos foi bombardeada em uma escola. Uma garota de sete anos com o pai dela, no carro. Duas irmãs, em casa, dormindo. Os oficiais de inteligência israelense com quem falamos nos contam que essa matança é sistêmica. Não é acidente, é projeto. Atos de assassinato e políticas baseados na total desumanização de palestinos. E eu quero ser muito claro: essa verdade tem sido documentada e é sabida desde o primeiro dia graças a jornalistas palestinos. Mais de 200 deles foram mortos por Israel em Gaza. As vozes deles foram silenciadas e negadas. Nós acreditamos que a negação de um crime ajuda-o a persistir."

[A íntegra do discurso pode ser vista nas redes da distribuidora Vitrine Filmes: tinyurl.com/yuvalnz]

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Paulista

Nosso segredo

Grace Passô | Brasil | 2026, 108', DCP (Vitrine Filmes)

Uma família tenta reconstruir sua rotina após uma perda recente. Enquanto cada um foge do luto à sua maneira, o filho caçula guarda um segredo capaz de fazê-los enfrentar a dor.

Primeiro longa da cineasta, atriz e dramaturga Grace Passô, diretora do curta *República* (2020) e do média *Vaga carne* (2019, junto a Ricardo Alves Jr.). O filme teve sua estreia mundial na edição deste ano da Berlinale e conta com participações de Mateus Aleluia, Tássia Reis e trilha de Amaro Freitas.

Ingressos
IMS Paulista R$ 15 (inteira) e R$ 7,50 (meia).



IMS Poços

Ran

Akira Kurosawa | Japão | 1985, 160', DCP (Pandora Filmes), restauração 4K

Um poderoso senhor feudal decide dividir seu reino entre os três filhos, acreditando que a família permanecerá unida depois de sua morte. Mas a disputa pelo poder transforma a herança em uma guerra brutal, marcada por traições, vingança e ambição. Inspirado em *Rei Lear*, de Shakespeare, o épico de Akira Kurosawa retorna aos cinemas em cópia restaurada e remasterizada em 4K.

Ingressos
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Paulista

Rosebush Pruning

Karim Aïnouz | Reino Unido, Itália, Alemanha | 2026, 94', DCP (Filmes do Estação)
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Na Catalunha, uma rica família branca norte-americana vive em um isolamento hedonista, buscando amor e validação uns nos outros, em roupas de grife e na música pop. Quando o irmão mais velho apresenta sua noiva para a família, tensões há muito tempo reprimidas vêm à tona.

Do diretor de *Madame Satã* e *A vida invisível*, o filme é inspirado em *De punhos cerrados*, de Marco Bellocchio, e tem no elenco Pamela Anderson, Elle Fanning e Jamie Bell. Estreou no Festival de Berlim deste ano.

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).



IMS Poços

Uma infância alemã

Amrum
Fatih Akin | Alemanha | 2025, 93', DCP (Imovision)

Nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial, na ilha de Amrum, na Alemanha, o pequeno Nanning, de 12 anos, trabalha na fazenda próxima para auxiliar no sustento da família. Ele cresce dividido entre um entorno que celebra o fim iminente do regime e uma mãe que amarga a derrocada do nazismo.

O filme é baseado no livro de memórias do ator e cineasta Hark Bohm, que adoeceu enquanto escrevia o roteiro. Fatih Akin (diretor de *Em pedaços*) assumiu o projeto do amigo e mentor.

Ingressos
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Poços IMS Paulista

Vicentina pede desculpas

Gabriel Martins | Brasil | 2026, 148', DCP (Malute)

Numa manhã ensolarada em Belo Horizonte, um acidente de ônibus deixa dezenas de mortos. A tragédia domina os noticiários do país. Devastada, Vicentina, professora aposentada e mãe do motorista Wesley, decide procurar as famílias das vítimas para pedir desculpas.

O filme estreou mundialmente na seção Plataforma do Festival de Toronto. No Festival do Rio deste ano, recebeu os prêmios de Melhor Direção de Ficção e Roteiro pelo júri oficial e Melhor Longa de Ficção pelo júri popular.

Ingressos
IMS Paulista terça, quarta e quinta: R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia); sexta, sábado, domingo e feriados: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).



IMS Poços

Yellow Cake

Tiago Melo | Brasil | 2026, 97', DCP (Olhar Filmes)

Em Picuí, na Paraíba, um grupo de cientistas tenta erradicar o mosquito *Aedes aegypti* – transmissor da dengue – com um experimento que utiliza urânio. Quando o projeto sai do controle e se torna uma ameaça sanitária, uma cientista brasileira e mineradores locais precisarão deter a catástrofe.

Do diretor de Azougue Nazaré, *Yellow Cake* tem no elenco as atrizes Rejane Faria (*Marte Um*) e Tânia Maria (*O agente secreto*). O filme estreou este ano no Festival de Roterdã.

Ingressos
IMS Poços R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia).

O Cinema do IMS, em parceria com a Filmicca, apresenta a estreia brasileira em cinema da restauração 4K de *Tilaï*, filme mais consagrado do cineasta burquinense Idrissa Ouédraogo. Por ocasião do lançamento, exibimos também a cópia restaurada de *Samba Traoré*. Em ambos os filmes, premiados respectivamente em Cannes e Berlim, personagens que retornam às suas aldeias depois de um tempo ausentes têm de lidar com os conflitos da tradição e da modernidade.



IMS Paulista

Tilaï

Idrissa Ouédraogo | Burkina Faso | 1990, 78', DCP (Filmicca), restauração 4K, estreia brasileira

Saga retorna à sua aldeia após dois anos ausente, e muita coisa mudou. Sua noiva Nogma se tornou a segunda esposa de seu pai. Mesmo assim, Saga e Nogma ainda se amam, violam a lei comunitária tradicional e têm um caso. Para a aldeia, isso é incesto, e Saga deve morrer.

Com uma história que se passa no Burkina Faso pré-colonial, *Tilaï* é uma das obras-primas de Idrissa Ouédraogo, vencedor do Prêmio do Júri no Festival de Cannes em 1990. Esta nova restauração foi exibida este ano na seção Cannes Classics.

Ingressos
IMS Paulista Entrada gratuita. Distribuição de senhas 60 minutos antes da exibição. Limite de uma senha por pessoa. Sujeito à lotação da sala.



IMS Paulista

Samba Traoré

Idrissa Ouédraogo | Burkina Faso | 1992, 85', DCP (Filmicca), restauração 4K

Depois de realizar um assalto em que seu parceiro é morto, Samba retorna à sua aldeia na esperança de esquecer seu passado. Ele encontra Saratou, uma antiga paixão, e se estabelece com ela e seu filho. No entanto, suas memórias ameaçam destruir a felicidade recém-descoberta.

Como em *Tilaï*, seu filme anterior, a narrativa de Ouédraogo tem uma qualidade mágica, mas aqui os personagens e o cenário são completamente modernos. O longa recebeu o Prêmio Especial do Júri no Festival de Berlim de 1993.

Ingressos
IMS Paulista Entrada gratuita. Distribuição de senhas 60 minutos antes da exibição. Limite de uma senha por pessoa. Sujeito à lotação da sala.

Sessão INDETERMINAÇÕES
Art&Tricks: as artimanhas
de Odilon Lopez

Apresentamos, na íntegra e de forma inédita, a coleção de curtas-metragens experimentais realizados por Odilon Lopez entre 2000 e 2002, intitulada *Art&Tricks/Artimanhas*, e o trecho de filme doméstico etiquetado como *Odilon*, com imagens realizadas em super-8 entre 1968 e meados da década de 1970. Se, de um lado, somos apresentados a imagens familiares que conectam pai, filha e a cidade de Porto Alegre, por outro, somos tomados por uma explosão colorida e psicodélica de formas que revelam uma liberdade irreverente. *Ischka – Deusa dos babilônios* (sem data), *E era Carnaval… no Rio!* (sem data), *Carmen Rosa – Sedutora em qualquer idioma* (2001), *Filhas e filhos de Lilith(s)…?!* (2001), *O medo é de… mente* (sem data) e *Brainstorm – Chuva na vidraça da mente* (2002) são acompanhados por doses autobiográficas e autoficcionais e formam uma coleção cheia de tiração de onda, entremeada por canções entoadas com uma voz aveludada e *selfies* de *webcam* que antecedem a cultura digital tão naturalizada hoje. Com acervo ainda a ser digitalizado e pesquisado mais a fundo, nos resta uma simples pergunta: qual será sua próxima artimanha?

Ingressos
IMS Paulista Entrada gratuita. Distribuição de senhas 60 minutos antes da exibição. Limite de uma senha por pessoa. Sujeito à lotação da sala.



IMS Paulista

Trecho de filme doméstico *Odilon*
Odilon Lopez | Brasil | 1968-197?, 25', Super-8 telecinado em VHS, DCP (Acervo do diretor)

Casamento de Odilon Lopez e Waltraute Koch, brincadeiras no apartamento dos recém-casados, partes da infância de Vanessa Lopez, imagens do centro de Porto Alegre, reuniões de adultos e crianças, uma reencenação de *Um é pouco, dois é bom* (1970). O material, com mais de duas horas de duração, telecinado de forma caseira pelo cineasta negro, foi encontrado na pesquisa realizada pela historiadora Lorenna Rocha junto à coleção de curtas experimentais em animação intitulada *Art&Tricks*. Na sessão, será exibido o trecho inicial, preservando-se a montagem criada pelo diretor.



IMS Paulista

Ischka – Deusa dos babilônios
Odilon Lopez | Brasil | Sem data, 9', Gravação em VHS, DCP (Acervo do diretor)

Segundo relatos históricos, as mulheres da Babilônia deveriam prostituir-se ao menos uma vez na vida em honra à deusa Ishtar, divindade associada ao amor sexual e à guerra. *Ischka*, reinvenção do mito, é desenhada e multiplicada através de seios e púbis de mulheres nuas, em meio a uma psicodelia colorida de colagens, rabiscos e a fachada de um cine *drive-in,* em busca da liberdade.

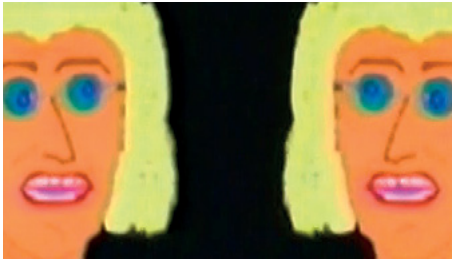


IMS Paulista

E era Carnaval... no Rio!

Odilon Lopez | Brasil | Sem data, 1', Gravação em VHS, DCP (Acervo do diretor)

Bundas, bicos de peitos, câmeras, espionagem e tiros. Ah, é carnaval na cidade maravilhosa!

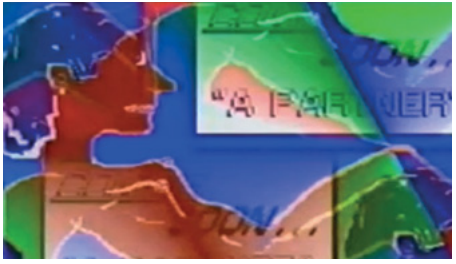


IMS Paulista

Carmen Rosa – Sedutora em qualquer idioma

Odilon Lopez | Brasil | 2001, 9', Gravação em VHS, DCP (Acervo do diretor)

Uma versão "pessoal, globalizada e atual" da ópera *Carmen*, composta em 1875 pelo francês Georges Bizet. Na animação, o *paintbrush* do início dos anos 2000 se sobrepõe à Sevilha do início do século XIX, com jogos de palavras e cacofonias recheadas de inversões. Já diria Cão Fucius: "Ninguém pode fugir nem ao amor, nem à morte".



IMS Paulista

Filhas e filhos de Lilith(s)...?!

Odilon Lopez | Brasil | 2001, 10', Gravação em VHS, DCP (Acervo do diretor)

As histórias de Lilith e Lillim e a busca pelo feminino marcam o curta-metragem em que Odilon Lopez complexifica suas formas e seus usos da ferramenta *paintbrush*. Sobreposições, transições, cores vibrantes e uma trilha sonora dramática criam um magnetismo singular, uma sedução que faz parte da trama narrada pelo diretor.



IMS Paulista

O medo é de... mente

Odilon Lopez | Brasil | Sem data, 5', Gravação em VHS, DCP (Acervo do diretor)

Um consultório vira cenário para uma breve história de terror dedicada a duas profissionais da saúde bucal. "A mulher mais sensual e sedutora é a dentista – diante dela qualquer um fica boquiaberto".



IMS Paulista

Brainstorm – Chuva na vidraça da mente

Odilon Lopez | Brasil | 2002, 8', Gravação em VHS, DCP (Acervo do diretor)

Um raio estrondoso prenuncia o excesso de informações na cabeça de alguém que tenta criar sob pressão. Que tal tirarmos uma *selfie*?

Neste mês, o IMS Poços, em parceria com a PUC Minas Poços de Caldas, promove uma mostra que reúne cinco filmes produzidos por estudantes e egressos dos cursos de Publicidade e Propaganda e Tecnologia em Produção Audiovisual da instituição.

Selecionadas a partir de uma chamada aberta, as obras exploram diferentes formas e temas do audiovisual contemporâneo. As produções abordam a memória urbana, as experiências do tempo e da ausência, a inclusão e a acessibilidade, além das relações entre memória e percepção e das pressões sociais em torno da maternidade.

Produzidos entre 2018 e 2026, os filmes constituem um panorama da produção desenvolvida nos cursos ao longo dos últimos anos. Reunidos em uma mesma sessão, permitem observar diferentes escolhas narrativas, estéticas e documentais, consolidando o audiovisual como espaço de experimentação, formação e reflexão sobre questões do presente.

Após a exibição, haverá uma roda de conversa com as equipes dos filmes e Lúcio Flávio Carvalho, professor do curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas Poços de Caldas. Mestre em comunicação social e pesquisador na área de cinema, o docente também atua nos campos da fotografia e da produção audiovisual digital.

Ingressos
IMS Poços Entrada gratuita. Distribuição de senhas 60 minutos antes da exibição. Limite de uma senha por pessoa. Sujeito à lotação da sala.



IMS Poços

Ruínas sobre trilhos – Um documentário sobre o monotrilho de Poços de Caldas/MG

Aline Batista Leite de Carvalho, Diego Magalhães Vasconcelos de Jesus, Fabrício Ferreira, Gabriel Vitor de Araújo e Juliana Aparecida Piza | Brasil | 2025, 24', Arquivo digital (Acervo dos diretores)

O que deveria ser um símbolo de progresso tornou-se uma presença persistente na paisagem de Poços de Caldas. Há mais de três décadas, as estruturas do monotrilho atravessam a região central da cidade e permanecem como vestígios de um projeto de mobilidade que não se realizou. A partir de depoimentos de moradores, ex-prefeitos, arquitetos, urbanistas e jornalistas, o filme revisita a história do empreendimento e investiga as circunstâncias de sua implantação e abandono.

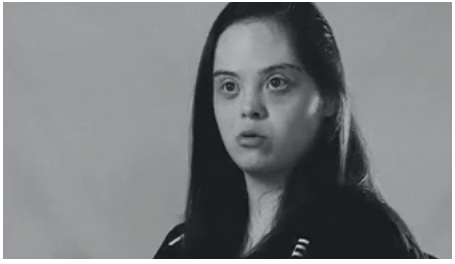


IMS Poços

Quando minhas asas falharem

Gheise Marques e Mariana Moreira | Brasil | 2026, 8', Arquivo digital (Acervo das diretoras)

O filme acompanha a percepção do tempo a partir do olhar de sua protagonista enquanto ela observa pessoas mais velhas em um ambiente cotidiano. A narrativa se constrói por gestos, olhares e silêncios, destacando a relação entre quem observa e quem é observado.



IMS Poços

Apesar de você

Thais Milena Ribeiro, Rafaela Lima Mathias, João Gabriel Cirilo e Luiz Felipe Liboni | Brasil | 2020, 21', Arquivo digital (Acervo dos diretores)

Apesar de você parte das experiências de pessoas com síndrome de Down para discutir sua presença e ausência nas campanhas publicitárias brasileiras. Depoimentos de pessoas com síndrome de Down, familiares e especialistas conduzem uma reflexão sobre preconceito, visibilidade, inclusão e representatividade.

A obra foi lançada com tradução em Libras e legendas, incorporando à própria realização o compromisso com a acessibilidade defendido pelo projeto.



IMS Poços

Depois do vermelho

Lucas Has | Brasil | 2025, 5', Arquivo digital (Acervo do diretor)

Um homem procura uma mulher de seu passado. Conduzido por estímulos visuais e pelo impacto de diferentes cores – antes e depois do vermelho –, ele percorre fragmentos de lembranças na tentativa de reencontrar a memória e a presença dessa pessoa.



IMS Poços

Ter ou não ter: eis a pressão

Ana Beatriz Coelho, Ana Carolina Inoue, Isabella Prado, Julia Franco e Julia Sardeli | Brasil | 2018, 20', Arquivo digital (Acervo das diretoras)

A maternidade é uma escolha ou uma imposição? A partir dos relatos e questionamentos de seis mulheres, o filme aborda as expectativas e pressões sociais relacionadas à decisão de ter filhos. Um documentário realizado por mulheres que coloca em discussão as diferentes formas de experimentar e questionar a maternidade.



***Não estamos sonhando*, de Ulisses Arthur**

34º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade

O 34º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade ocupa o Cinema do IMS Paulista com os filmes da Mostra Competitiva Brasil de Longas-Metragens: uma seleção ampla, com filmes de sete estados e do Distrito Federal, marcada pela ousadia e pelo desafio de corpos indomáveis que enfrentam realidades muitas vezes complexas e hostis. A programação inclui também alguns longas estrangeiros que vêm se destacando no circuito internacional e se somam a esse conjunto de filmes que mostram o alcance cada vez maior do cinema LGBT+ e sua crescente presença e relevância na produção audiovisual contemporânea, no Brasil e no exterior.

As informações completas sobre os filmes estão disponíveis no *site* do festival: mixbrasil.org.br/.

Ingressos
IMS Paulista Entrada gratuita**.** Distribuição de senhas 60 minutos antes da exibição. Limite de uma senha por pessoa. Sujeito à lotação da sala.



IMS Paulista

A margem do rio

Enock Carvalho e Matheus Farias | Brasil, Alemanha | 2026, 119', DCP (Festival MixBrasil)
NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Num Recife entrecortado por rios e manguezais, Izaquiel, um jovem auxiliar de serviços gerais, conhece o pescador Jeremias durante uma noite de pegação. À medida que uma ameaça externa invade o lugar trazendo violência, os dois embarcam em uma jornada pelas profundezas do manguezal, onde realidade e mito se entrelaçam.

O filme recebeu o Prêmio Especial do Júri no Festival de Locarno e cinco prêmios no Festival do Rio, entre eles Melhor Longa de Ficção, Melhor Fotografia e Som pelo júri oficial.



IMS Paulista

A professora de francês

Ricardo Alves Jr. | Brasil, França, Portugal | 2026, 96', DCP (Festival MixBrasil)

Graça sobrevive dando aulas particulares de francês em BH, onde vive com a namorada francesa. Após uma emergência de saúde do pai, retorna à casa onde cresceu, no subúrbio. Acolhida por vizinhos que lideram uma seita na comunidade, ela passa a ser envolvida por um fanatismo que tenta devolvê-la "ao seu lugar".

Em sua passagem pelo Festival do Rio, após estrear no Festival de San Sebastián, o filme recebeu os prêmios de Melhor Atriz, para Grace Passô, Ator Coadjuvante, para Pedro Goifman, e Trilha Sonora Original.



IMS Paulista

As aparências enganam

Sabrina Greve e Luciano Patrick | Brasil | 2026, 90', DCP (Festival MixBrasil)

Bruna é a influenciadora mais poderosa e desejada do país, intocável como os grandes ídolos são. Suzy é sua fã, dessas que seguem cada *story*. Já era um milagre ter sua ídola hospedada onde trabalha, mas o destino a leva a um lugar ainda mais improvável. Quando Amanda, uma influenciadora emergente, tem uma crise alérgica, é Suzy, sua sósia perfeita, quem vai ocupar seu lugar no mundo dos famosos, onde estará ainda mais próxima de Bruna.



IMS Paulista

Covarde

Coward

Lukas Dhont | Bélgica, França, Países Baixos | 2026, 120', DCP (Festival MixBrasil)

Em 1916, em plena Primeira Guerra Mundial, o jovem soldado belga Pierre é enviado para a brutal frente de batalha das trincheiras. Para tentar manter a sanidade, ele decide juntar-se a uma trupe de teatro improvisada atrás das linhas de frente. Lá, Pierre conhece Francis, o líder criativo do grupo, e os dois acabam desenvolvendo uma intensa e secreta história de amor.

Do mesmo diretor de *Close*, *Covarde* estreou no Festival de Cannes, onde recebeu o prêmio de Interpretação Masculina para a dupla de protagonistas.



IMS Paulista

Eu vou ter saudades de você

Daniel Ribeiro | Brasil | 2026, 87', DCP (Festival MixBrasil)

Após sete anos de relação, Amanda e Caio decidem morar juntos, mas o amor por si só não é suficiente. Ele sonha com um futuro ao lado dela; ela sonha com algo mais. Quando Amanda conhece João, o vínculo do casal é posto à prova. Alguns amores se desfazem. Outros se transformam.

Com roteiro de Daniel Ribeiro (diretor de *Hoje eu quero voltar sozinho*) e Alice Marcone, que também interpreta a protagonista Amanda, o filme tem um elenco majoritariamente composto por pessoas trans.



IMS Paulista

Leviticus: ritual de sangue

Leviticus
Adrian Chiarella | Austrália | 2026, 88', DCP (Festival MixBrasil)

Dois adolescentes passam a ser assombrados por uma entidade sobrenatural após participarem de uma cerimônia na igreja local. A criatura assume a forma da pessoa que eles mais desejam: um ao outro. Para sobreviver, eles precisam enfrentar tanto o monstro que os persegue quanto a intolerância que os condena.



IMS Paulista

London

Victor Di Marco e Márcio Picoli | Brasil | 2026, 90', DCP (Festival MixBrasil)

London, um jovem com deficiência, trabalha como dominante em uma casa de fetiche e construiu toda sua vida de forma independente. Quando uma consulta médica lhe oferece a possibilidade de compreender melhor seu corpo e sua deficiência, London se vê diante de um dilema: ele deseja respostas, mas teme que um diagnóstico reduza sua identidade a um rótulo clínico, colocando em risco tudo o que construiu.

London estreou no Festival de Veneza, onde recebeu o Queer Lion. No Festival do Rio, entre outros, recebeu o prêmio de Melhor Ator, para Victor Di Marco.



IMS Paulista

Não estamos sonhando

Ulisses Arthur | Brasil | 2026, 92', DCP (Festival MixBrasil)

Ciro vive uma rotina intensa como estudante de medicina e professor de *pole dance* para seus amigos, estudantes negros dos cursos da área da saúde. Quando ele precisa sair repentinamente da casa onde vive como hóspede, Ciro encontra abrigo no apartamento de Antônio, o DJ que mora no prédio ao lado.

Primeiro longa de Ulisses Arthur, que vem de ampla trajetória no curta-metragem, o filme foi premiado na seção Novos Rumos do Festival do Rio como Melhor Longa-Metragem e Melhor Ator, para o protagonista Pedro Leão.



IMS Paulista

Olhe para mim

Rafhael Barbosa | Brasil | 2026, 88', DCP (Festival MixBrasil)

Dez anos após o desaparecimento de sua mãe durante a grande festa religiosa da cidade, Marcelo ainda lida com as consequências de sua ausência. Na véspera de mais uma festa, ele conhece dois misteriosos viajantes, Sandra e seu filho Ivan. Marcelo fica fascinado pela dupla e embarca na viagem, mas no caminho descobre que eles estão prestes a cruzar uma fronteira perigosa.

No 15º Olhar de Cinema, o filme foi premiado com Melhor Direção, Som e Direção de Arte.



IMS Paulista

Pequenas tragédias

Daniel Nolasco | Brasil, Alemanha | 2026, 119', DCP (Festival MixBrasil)

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Em 2011, Daniel se mudou da pequena cidade em que nasceu, no interior do Brasil, para estudar no Rio de Janeiro. Era o primeiro de um grupo de amigos *queer* que sairiam de lá. Dez anos depois, alguns amigos morreram, outros migraram para um centro urbano. A cidade se chama Catalão, um lugar que todos dizem ser ótimo para viver.

Um dos grandes vencedores do 59º Festival de Brasília, foi premiado com Melhor Direção, Ator, Atriz Coadjuvante, Montagem, Trilha Sonora e, pelo júri da crítica, Melhor Longa-Metragem.



IMS Paulista

Privadas de suas vidas

Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner | Brasil | 2026, 111', DCP (Festival MixBrasil)

À beira de um colapso por um trauma antigo e ume filhe rebelde, Malu vê sua rotina ruir quando uma estranha maldição transforma privadas em criaturas assassinas.

No 59º Festival de Brasília, o filme recebeu os prêmios de Melhor Atriz, para Martha Nowill, Atriz Coadjuvante, para Olivia Torres, e Direção de Arte.

Abbas Kiarostami em retrospectiva



IMS Paulista

Sabes de mim, agora esqueça

Denise Vieira | Brasil | 2026, 96', DCP (Festival MixBrasil)

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Rubia estava em fuga quando o comboio em que viajava quebrou. Resgatada por Margô, dona de um dos poucos cabarés de Ceilândia que sobrevive à repressão dos Lanternas, Rubia descobre um segredo guardado por séculos, no fundo de um corredor.

Premiado como Melhor Primeiro Filme, no FID Marseille, na França, e Melhor Fotografia e Edição de Som no 59º Festival de Brasília.

O Cinema do IMS apresenta uma retrospectiva da obra de Abbas Kiarostami (1940-2016), um dos grandes nomes do cinema mundial. Dos primeiros curtas realizados no Kanoon (Instituto para o Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Adolescentes) até os longas que o consagraram internacionalmente, a mostra percorre cinco décadas de atividade e de um inquieto pensamento cinematográfico.

De julho a dezembro de 2026, serão exibidos seus curtas, médias e longas-metragens, em cópias restauradas. Uma rara oportunidade para conhecer ou rever, em sua quase totalidade, a poética e a prática de um artista que expandiu as possibilidades da imagem em movimento desde o Irã e para o mundo.

A programação inclui filmes como *O pão e o beco* (1970), primeiro curta do diretor, até seu último longa-metragem, *24 Frames*, lançado postumamente em 2017, passando por obras como a célebre trilogia Koker, que reúne *Onde fica a casa do meu amigo?*, *E a vida continua* e *Através das oliveiras*; *Close-Up*, um dos responsáveis por lançar os holofotes do mundo para sua obra; e *Gosto de cereja*, vencedor da Palma de Ouro em Cannes em 1997.

Ingressos

IMS Paulista Entrada gratuita. Distribuição de senhas 60 minutos antes da exibição. Limite de uma senha por pessoa. Sujeito à lotação da sala.



IMS Paulista

O recreio

Zang-e Tafrih

Abbas Kiarostami | Irã | 1972, 15', DCP (mk2 Films), restauração 2K

Castigado por ter quebrado uma janela com sua bola, um menino tem que ficar parado no corredor da escola. Quando as aulas terminam, ele toma seu rumo para casa, mas encontra o caminho bloqueado por uma partida de futebol. Acaba atrapalhando o jogo e fugindo por uma rodovia movimentada.

Segundo curta-metragem de Kiarostami, o filme tenta responder, em parte, às críticas de que, embora muito bom, o filme anterior, *O pão e o beco*, não dominaria suficientemente as técnicas cinematográficas. Sobre esta obra, o cineasta relata ao crítico e pesquisador Godfrey Cheshire que desejava, "de algum modo, convencer os críticos e provar a eles que eu era capaz de fazer

tomadas aéreas, *travellings, zoom-ins* e assim por diante."

"Na minha visão", diz ainda, "há uma atmosfera que persiste ao longo de todo o filme, e é uma atmosfera de ansiedade. Se me pedissem para explicar o filme em uma palavra, essa palavra seria 'ansiedade'. Essa ansiedade, nos momentos em que há espaços fechados e enquadramentos fechados, vem das regras que foram estabelecidas para a humanidade. Na minha visão, a ansiedade do menino não é muito diferente da de Hossein Sabzian [protagonista de *Close-Up*]. Quando ele sai da escola, isso não muda: o espaço se abre, mas os sentimentos dentro dele não mudam. Na minha visão, é isso que importa."

[Citação extraída e livremente traduzida do livro *Conversations with Kiarostami* (2019), do crítico e especialista em cinema iraniano Godfrey Cheshire, volume que reúne uma série de entrevistas conduzidas com o cineasta ao longo dos anos 1990.]



IMS Paulista

Duas soluções para um problema

Dow Rahehal Baraye yek Massaleh
Abbas Kiarostami | Irã | 1975, 5', DCP (mk2 Films), restauração 2K

Dois meninos são colegas de classe. Quando Nader devolve o caderno do amigo com a capa rasgada, o outro se depara com duas soluções: ou ele se vinga ou os dois meninos procuram uma solução juntos para manter a amizade.

"Eu pessoalmente gosto deste filme, mas só até certo ponto. Vejo a simplicidade da sua narração como estando um pouco próxima demais dos primeiros filmes, os filmes da era muda. A câmera muitas vezes é fixa. É uma história complicada apresentada de maneira simples", conta Kiarostami ao crítico e pesquisador Godfrey Cheshire. "Toda vez que havia um problema, eu pensava que tinha duas soluções. Qual era a melhor? Com esse paradigma, é fácil entender que uma solução leva a rompimentos e desgaste, e a outra não. É um filme que dá para assistir toda manhã antes de sair de casa, porque as pessoas lidam com esse problema todos os dias. Às vezes, os problemas são muito difíceis e, às vezes, são bem mais fáceis. O tema é muito útil e não é abstrato."

[Citação extraída e livremente traduzida do livro *Conversations with Kiarostami* (2019), do crítico e especialista em cinema iraniano Godfrey Cheshire, volume que reúne uma série de entrevistas conduzidas com o cineasta ao longo dos anos 1990.]



IMS Paulista

Traje de casamento

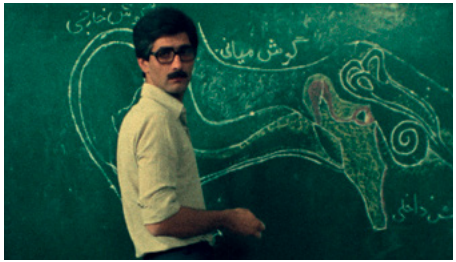
Lebassi Baraye Arossi
Abbas Kiarostami | Irã | 1976, 59', DCP (mk2 Films), restauração 2K

Uma mulher encomenda um terno para o filho mais novo na alfaiataria em que o garoto Ali trabalha. Hossein e Mohamad, dois amigos de Ali que trabalham no mesmo prédio, pedem para usar o terno na véspera da entrega, mas o menino teme pelo que pode acontecer se algo der errado.

Trabalho ao mesmo tempo muito especial e bem pouco visto de Kiarostami, que atribui a baixa circulação ao formato de média-metragem, que costuma ter menos janelas de escoamento. Este é um dos filmes comentados no livro *Conversations with Kiarostami* (2019), do crítico e especialista em cinema iraniano Godfrey Cheshire. Cheshire diz que levou um tempo até enfim perceber que se trata de um filme sobre "maus-tratos a crianças", ao que Kiarostami responde: "Parece que eles mesmos não percebem que são abusados: quando olhamos para eles de fora, percebemos a situação ruim em que estão. É por isso que temos de respeitar as crianças. Quer dizer, as crianças são melhores do que nós porque lidam melhor com as dificuldades. Elas têm mais energia para viver do que nós e toleram a vida com muito realismo. E sabem aproveitar a vida em condições ruins. É isso que eu mais gosto neste filme. Como eu disse, nós compreendemos essa situação muito ruim melhor do que as próprias crianças."

"Gosto da sequência em que o menino usa o terno emprestado. Sentindo que precisa aproveitá-lo ao máximo, ele vai a um café onde está rolando um número de mágica e se senta sob o holofote para que todos possam vê-lo. O mágico tira a camisa, e eu gosto muito desse momento. O menino fica com o paletó diretamente sobre a pele nua. Não resta nenhuma distância: ele pode abraçar o objeto dos seus desejos sem qualquer interferência. É como algo que aconteceu em *Close-Up* com Hossein Sabzian, quando ele andou de moto em estreita proximidade física com Makhmalbaf, seu diretor favorito. Realidade e sonho ocorrem ao mesmo tempo; realidade e sonho se tornam um só."

[Citação extraída e livremente traduzida do livro *Conversations with Kiarostami* (2019), do crítico e especialista em cinema iraniano Godfrey Cheshire, volume que reúne uma série de entrevistas conduzidas com o cineasta ao longo dos anos 1990.]



IMS Paulista

Caso um, caso dois

Ghazieh-e Shekl-e Aval, Ghazieh-e Shekl-e Dou Wom
Abbas Kiarostami | Irã | 1979, 48', DCP (mk2 Films), restauração 2K

O professor pede que os alunos denunciem o colega que está fazendo barulho de propósito para atrapalhar a aula. Como ninguém dedura, parte da turma é expulsa por uma semana.

Kiarostami apresenta essa situação e dois desfechos possíveis para um grupo de figuras públicas, em sua maioria homens – intelectuais, políticos e lideranças religiosas. No primeiro desfecho, ninguém denuncia, e todo mundo é punido junto. No segundo, um dos alunos acusa o colega e conquista o direito de voltar para a aula. Qual opção é melhor?

A partir de uma questão que poderia parecer ordinária, Kiarostami realizou um documento valioso sobre temas como "revolta", "delação",

"punição" e "poder". Inicialmente encomendado pelo Ministério da Educação como material didático, o filme foi interrompido e afetado pela Revolução Iraniana. Como aponta um artigo de Masoud Golsorkhi para a *Tank Magazine*, entre os entrevistados do documentário, há representantes de um amplo espectro de comunidades envolvidas no processo revolucionário: "Comunistas, nacionalistas, secularistas e islamitas".

No filme, por exemplo, um dos comentários mais violentos acerca da necessidade de punir gravemente as crianças que desafiavam a ordem vem de Sadegh Ghotbzadeh, que foi ministro das Relações Exteriores em 1979-1980 e diretor-geral da Rádio e Televisão Nacional do Irã. Preso pouco depois do fim das filmagens, Ghotbzadeh seria executado em 1982 por conspirar contra o governo.

"A história de *Caso um, caso dois* nasceu – como acontecia com frequência naqueles anos – de um episódio ocorrido na escola de meu filho", conta Kiarostami. "Um dia ele me contou que o professor expulsara um grupo inteiro de estudantes, dizendo: 'Se não me revelarem quem é o culpado disso, punirei todos'. Evidentemente, perguntei a ele sobre qual deveria ser a sua atitude. Percebi que era uma boa ideia para explorar. Tinha inclusive o apoio do Kanoon. Decidimos visitar uma série de personalidades acadêmicas, políticas e do cinema do momento para ouvir suas opiniões. Era o último ano da era do xá. Íamos encontrar o diretor da televisão pública para entrevistá-lo e mostrar-lhe o material, quando precisamente nesse dia estourou a Revolução. Em frente ao estúdio, havia muitos manifestantes encarregados de interromper a programação. Obviamente, o filme ficou parado; isso durou seis meses. Quando a agitação terminou, decidi retomar o projeto com os novos governantes. Havíamos mudado a lista de personalidades e começamos as entrevistas."

"O trabalho foi projetado no primeiro festival pós-revolucionário de filmes para jovens e recebeu o Grande Prêmio. Houve até uma proposta de que entrevistássemos ministros de outros países e fizéssemos uma obra internacional. No entanto, naqueles dias, a situação ia se complicando. Khomeini pronunciou um discurso famoso que convidava à delação: os professores tinham de denunciar os alunos e vice-versa, os vizinhos deveriam denunciar os próprios vizinhos de porta, e assim por diante, até entre os familiares. Inevitavelmente, o filme foi censurado, pois fala de liberdade. O mais curioso é que, durante as entrevistas, as autoridades haviam elogiado o valor da liberdade e condenado a delação do menino. Entre os entrevistados, encontrava-se também aquele que mais tarde se tornou o carrasco dos tribunais iranianos e que mandou muitas pessoas para o pelotão de fuzilamento: também ele dizia, antes, que não tínhamos direito à delação. Conhecendo os personagens entrevistados e sabendo quais cargos públicos ocupam hoje, percebemos o quanto os cargos públicos e a responsabilidade os transformaram. É um dos raros filmes sociais, se assim se pode dizer, que nos faz pensar no sistema moderno, que nos impôs outro estilo de vida e fez de nós seres inumanos. Talvez seja o filme mais proibido do Irã, porque os homens de Estado mudaram de rosto, dizendo inicialmente uma coisa para depois fazer o contrário e, portanto, não querem ver essa sua transformação. Foi censurado enquanto documento de época, enterrado, mas existe. É um documento sobre a revolução e sobre as relações dos homens consigo próprios e com as regras sociais."

[Íntegra do artigo da *Tank Magazine*, em inglês: tinyurl.com/ak-caso12]

[Declaração extraída do texto *Duas ou três coisas que sei de mim*, de Abbas Kiarostami, com tradução de Álvaro Machado, compilado no volume *Abbas Kiarostami* (2004), da editora Cosac Naify.]



IMS Paulista

Dor de dente

Behdasht-e Dandan
Abbas Kiarostami | Irã | 1980, 27', DCP (mk2 Films), restauração 2K

De pai para filho, a higiene dental sempre foi negligenciada na família de Mohammad Reza. Resultado: tanto o pai como o avô usam dentaduras. O próprio Mohammad é acometido por uma violenta dor de dentes que o leva a ser dispensado da escola. No hospital, um dentista dá-lhe alguns conselhos sobre a arte dos cuidados dentários.

"*Dor de dente* foi exibido na televisão e, no dia seguinte, não havia mais escovas nem pasta de dente nas lojas. Não é exagero", conta Kiarostami. "Pediram que o filme fosse exibido de novo, e ele passou uma semana depois. Depois disso, chegaram muitas cartas de reclamação à emissora. Os pais reclamavam que os filhos acordavam durante a noite dizendo que não tinham escovado os dentes. As crianças ficaram preocupadas demais com os dentes. Parece que o filme colocou pressão demais sobre elas. Mesmo tendo escovado, acordavam dizendo que não tinham e escovavam de novo."

"Fiz este filme por causa de uma experiência que tive com meus filhos, Bahman e Ahmad. Quando eram pequenos, eles pediam minha permissão para não escovar os dentes à noite. Eu entendia isso do ponto de vista deles, porque eles não sabiam por que estavam fazendo aquilo. Eles punham uma coisa de gosto ruim em cima de outra e levavam à boca. Nem ficavam bonitos fazendo isso. Por isso eu disse que alguma coisa precisava explicar por que eles têm que fazer isso. Assim não seria responsabilidade minha, e eles não pediriam minha permissão. Poderiam decidir por conta própria."

[Citação extraída e livremente traduzida do livro *Conversations with Kiarostami* (2019), do crítico e especialista em cinema iraniano Godfrey Cheshire, volume que reúne uma série de entrevistas conduzidas com o cineasta ao longo dos anos 1990.]



IMS Paulista

Com ou sem ordem?

Be Tartib ya Bedoun-e Tartib?
Abbas Kiarostami | Irã | 1981, 17', DCP (mk2 Films), restauração 2K

O senso de ordem é a base necessária para qualquer boa organização social. Para ilustrar esse conceito, Kiarostami apresenta uma série de cenas emparelhadas, nas quais a mesma ação é mostrada primeiro de forma organizada e depois de forma anárquica. A equipe de filmagem, no entanto, tem dificuldade em organizar a desordem.

Nas palavras de Kiarostami, *Com ou sem ordem?* "é um filme verdadeiramente educativo. Mas, quando se faz um filme educativo, na minha opinião, é preciso pensar de maneira mais cinematográfica, porque algumas pessoas acham que ser 'educativo' significa apenas dar conselhos. Na verdade, num filme educativo é preciso evitar dar conselhos e, em vez disso, colocar um espelho diante das pessoas para mostrar a elas mesmas.

Acho que *Com ou sem ordem?* faz isso muito bem. Ele mostra que, quando as pessoas fazem as coisas 'regularmente', tudo é feito melhor. Pode parecer que fazer um filme educativo é muito simples, mas é muito difícil. É preciso conhecer muito bem psicologia, sociologia e a relação entre as duas. É preciso conhecer a mentalidade e as particularidades de um povo. Depois de combinar tudo isso com uma linguagem sem condescendência, é preciso então colocar o espelho exatamente à frente."

[Citação extraída e livremente traduzida do livro *Conversations with Kiarostami* (2019), do crítico e especialista em cinema iraniano Godfrey Cheshire, volume que reúne uma série de entrevistas conduzidas com o cineasta ao longo dos anos 1990.]



IMS Paulista

O concidadão

Hamshahri
Abbas Kiarostami | Irã | 1983, 51', DCP (mk2 Films), restauração 2K

Quando o conselho de tráfego de Teerã decide fechar uma área central da cidade para os carros, vários motoristas tentam convencer o policial de trânsito a liberar a passagem.

Sobre este documentário observacional de tom ao mesmo tempo cômico e caótico, Kiarostami relata que "o argumento de *O concidadão* nasceu de um episódio que ocorreu de fato na região em que eu trabalhava. Um dia tinha de transportar, desde o meu estúdio, um projetor em 16 mm. Aproximei-me do policial que controlava as autorizações de acesso à região, explicando-lhe que só pretendia levar o pesado objeto, e que não iria para o centro da cidade. Queria até mesmo deixar com ele minha licença de motorista, para que acreditasse em mim. O homem se opôs, dizendo que isso não era absolutamente possível. Insisti e mostrei-lhe o meu crachá do estúdio. Deixei com ele minha licença e prometi que cumpriria minha tarefa e voltaria. Ao retornar, vi o policial repetindo o mesmo discurso para outras pessoas que insistiam com ele. Assim, ele não fazia outra coisa senão negociar com os motoristas. Depois de recuperar a carta de motorista, coloquei-me à parte e observei a cena por algum tempo, percebendo que, das nove horas da manhã às cinco da tarde, ele repetia sempre as mesmas palavras, já que todos tiravam algum documento da carteira e tinham um bom motivo para entrar naquela área. Fiquei satisfeito com a montagem do filme porque era, ao mesmo tempo, enxuta e dramática. Para mim, é um filme que transmite uma mensagem muito séria: encontramos sempre uma maneira de contornar qualquer tipo de lei imposta. De fato, quem faz as leis sabe muito bem que, mal tenha legislado, alguém conseguirá evitá-las por meio dos artifícios mais variados. Nenhuma lei é tão séria que mereça ser respeitada."

[Citação extraída e livremente traduzida do livro *Conversations with Kiarostami* (2019), do crítico e especialista em cinema iraniano Godfrey Cheshire, volume que reúne uma série de entrevistas conduzidas com o cineasta ao longo dos anos 1990.]



IMS Paulista

Close-Up

Nema-ye Nazdik
Abbas Kiarostami | Irã | 1990, 98', DCP (Celluloid Dreams), restauração 2K

Abbas Kiarostami segue o rastro de Hossein Sabzian, homem acusado de ter enganado uma família rica de Teerã fazendo-se passar pelo cineasta iraniano Mohsen Makhmalbaf. Até ser descoberto e detido, Sabzian frequentou a casa da família e propôs que ensaiassem para um filme.

A manchete e o artigo que resultaram dessa história, publicados em um jornal diário de Teerã, deram a Kiarostami a ideia básica para um filme semidocumental, em que cada pessoa interpretaria a si mesma. Kiarostami visitou o acusado na prisão, entrou em contato com o judiciário e obteve permissão para filmar o julgamento. Ele instalou duas câmeras no tribunal: uma com lente grande-angular e outra em *close-up*.

"Naquela circunstância estavam em jogo dois graus de juízo diferentes: o juízo da lei e o juízo da arte. Se um juiz não tem, habitualmente, tempo suficiente para prestar atenção àquilo que um ser humano vive interiormente, a arte dispõe desse tempo. Tem mais paciência. É por isso que, no decorrer do filme, há duas câmeras, uma para filmar o juiz, outra para Sabzian. Na realidade, era um modo de afirmar que, naquela sala, existiam dois dispositivos: o dispositivo da Lei, que mostra o tribunal e descreve o processo em termos jurídicos; e o dispositivo da arte, que se aproxima do ser humano para colocá-lo em primeiro plano, para vê-lo em profundidade, compreender-lhe as motivações, adivinhar seu sofrimento. É função e responsabilidade da arte observar as coisas de perto, prestar atenção aos homens, e não os julgar com demasiada precipitação. Naquele caso, a ética determinava a estética: a Lei olha em plano geral, enquanto a arte utiliza o primeiro plano. Eis por que intitulei o filme *Close-Up*. Observando Sabzian a partir de um plano geral, poderia imaginá-lo um charlatão, mas, graças aos primeiros planos, pude exprimir pensamentos, problemas e medos alheios às preocupações da Justiça. A Lei tem de observar a partir de planos gerais, já que deve preocupar-se com os interesses de todos. Com a primeira câmera, não podíamos nos aproximar de ninguém, porém a função da arte é aproximar-se dos indivíduos. Com a arte, podemos nos aproximar de fato de uma pessoa, e mudar a Lei."

Para filmar dessa maneira, Kiarostami precisou "falsear" o julgamento, permanecendo com Sabzian depois do fim da sessão por mais nove horas para gravar os planos fechados. Esse é apenas mais um dos diversos e intrincados jogos com a realidade que o filme opera.

"Naquelas nove horas, pudemos trabalhar com o réu e com as outras pessoas presentes na sala. Percebi, então, o quanto eu me encontrava próximo da experiência de Sabzian, o quanto me agradava esse personagem, porque era um artista, porque sabia criar belas mentiras. E eu prefiro suas mentiras à verdade dos outros, porque as mentiras de Sabzian refletem melhor a sua realidade interior do que a verdade superficial que os outros personagens exprimem a respeito dele. Desse ponto de vista, o filme é autobiográfico: eu me assemelho seja a Sabzian seja a sua família; enganei as pessoas e fui enganado por elas."

"Quando me dirigi à casa dos Ahankhah para reconstituir a cena da detenção, Sabzian disse a um dos garotos que não os havia enganado, pois prometera vir com sua equipe de filmagem, e a promessa fora cumprida: não éramos nós, por acaso, a sua equipe? Fiquei comovido. Aquilo que dissera podia parecer uma mentira, mas ao mesmo tempo era verdade, pois nos encontrávamos a seu serviço."

[Declarações extraídas do texto *Duas ou três coisas que sei de mim*, de Abbas Kiarostami, com tradução de Álvaro Machado, compilado no volume *Abbas Kiarostami* (2004), da editora Cosac Naify.]

Instituto Moreira Salles

Cinema

Coordenador | Curador
Kleber Mendonça Filho

Supervisora de curadoria e programação
Marcia Vaz

Programador
Thiago Gallego

Produtora de programação
Renata Alberton

Analista de programação
Lucas Gonçalves de Souza

Projeção IMS Paulista
Ana Clara da Costa,
Adriano Brito e Sérgio Wong

Projeção IMS Poços
Fagner Andrades e Gilmar Tavares

Revista do Cinema do IMS

Produção de textos e edição
Thiago Gallego e Marcia Vaz

Diagramação
João Bomfim

Revisão
Flávio Cintra do Amaral

Os filmes de novembro

A programação do mês tem o apoio do 34º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade e das distribuidoras Celluloid Dreams, Curta Distribuidora, Embaúba Filmes, Filmes do Estação, Filmicca, Imagem Filmes, Imovision, Malute, mk2 Films, O2 Play, Olhar Filmes, Pandora Filmes, Paris Filmes, Universal Pictures do Brasil, Vitrine Filmes e do projeto Sessão Vitrine Petrobras.

Agradecemos a Aaron Cutler, Adam Giely, Aline Batista Leite de Carvalho, Ana Beatriz Coelho, Ana Carolina Inoue, André Fischer, Diego Magalhães Vasconcelos de Jesus, Diego Silva Souza, Eliane Arakaki, Emmanuel Libet, Fabrício Ferreira, Gabriel Araújo, Gabriel Vitor de Araújo, Gheise Marques, Godfrey Cheshire, Gracie Pinto, Heitor Augusto, Iago Cordeiro Ribeiro, Isabella Prado, Jacques-Antoine Jagou, João Gabriel Cirilo, Julia Franco, Julia Sardeli, Juliana Aparecida Piza, Juliana Garzillo, Léa Daudon, Lorenna Rocha, Lucas Has, Lúcio Flávio Carvalho, Luiz Felipe Liboni, Marcio Miranda Perez, Maria Chiaretti, Mariana Moreira, Mariana Shellard, Pedro Henrique Leite, Rafaela Lima Mathias, Saliha Guemraoui, Silvio Ferreira Junior, Thais Milena Ribeiro, Vanessa Lopez e Yohan Erligmann.

Parceria

mk2 FILMS

34º FESTIVAL MIX BRASIL DA CULTURA DA DIVERSIDADE

Sessão INDETERMINAÇÕES

Realização
Cinema do IMS

Curadoria
Lorenna Rocha e Gabriel Araújo

Produtor associado
Jyan França

Produção executiva
Miracéu Audiovisual

Vinheta
Dayane Tropicaos

Apoio

indeterminações

CINEMATECA CAPITÓLIO

Venda de ingressos
Ingressos à venda pelo *site* ingresso.com e na bilheteria do centro cultural, a partir das 12h, para sessões do mesmo dia. No ingresso.com, a venda é mensal, e os ingressos são liberados no primeiro dia do mês. Ingressos e senhas sujeitos à lotação da sala.

Capacidade das salas
IMS Paulista: 145 lugares
IMS Poços: 85 lugares

Meia-entrada
Com apresentação de documentos comprobatórios para todos os grupos elegíveis à meia-entrada por lei e titulares do cartão Itaú (crédito ou débito).

Devolução de ingressos
Em casos de cancelamento de sessões por problemas técnicos e por falta de energia elétrica, os ingressos serão devolvidos. A devolução de entradas adquiridas pelo ingresso.com será feita pelo *site*. Programa sujeito a alterações. Eventuais mudanças serão informadas no *site* ims.com.br e no Instagram @imoreirasalles. Não é permitido o acesso com mochilas ou bolsas grandes, guarda-chuvas, bebidas ou alimentos. Use nosso guarda-volumes gratuito. Confira as classificações indicativas no *site* do IMS.



***Ana, en passant*,**
de Fernanda Salgado



Feito pipa, de Allan Deberton

IMS Paulista

Terça a domingos,
inclusive feriados,
das 10h às 20h

Fechado às segundas.

Avenida Paulista, 2424
São Paulo

imspaulista@ims.com.br

IMS Poços

Terça a sexta,
das 13h às 19h

Sábados e domingos,
das 9h às 19h

Fechado às segundas

Rua Teresópolis, 90
Poços de Caldas

ims.pc@ims.com.br

IMS

ims.com.br
/institutomoreirasalles
@imoreirasalles
/imoreirasalles
/institutomoreirasalles